

UMA VIAGEM PELA HISTÓRIA DA CIDADE DE JANAÚBA

KURUATUBA

DO VALE DO GORUTUBA A JANAÚBA



CONTADA POR: LÍLIAN CLAUDINE M. G. MOTA
OBRA DA CAPA: GUIGUI ALCÂNTARA

*Dedicado ao povo gorutubano, de sangue e de
coração. A essa gente que ousou sonhar e lutar
para que do Vale do Gorutuba, florescesse
Janaúba.*

“KURUATUBA – DO VALE DO GORUTUBA A JANAÚBA”

Contamos aqui a trajetória que os pioneiros fizeram até que chegássemos à Janaúba, como ela está hoje! Esse trabalho foi feito com muitas mãos e pessoas que, mesmo sem saberem, contribuíram para que pudéssemos recontá-la para vocês.

Não é um trabalho fácil e temos sempre a sensação que faltou algo ou que esquecemos alguém. Afinal, são mais de dois séculos que construíram a história da nossa gente. Algumas pessoas foram essenciais pois viveram boa parte desses anos. Tivemos ajuda da Vovó Ilca Durães, de 94 anos de idade, do Aldemir de Souza Pires que acompanhou a chegada do trem de ferro, divisor de águas na nossa história. Ajudados fomos por trabalhos muito ricos e interessantes disponíveis na Internet. Também enriqueceu mais ainda esse trabalho o banco de fotos que fomos garimpando nas gavetas e nas redes sociais. Enfim, a ajuda foi muita e nosso trabalho foi montar essa imensa colcha de retalhos da qual é feita a nossa história.

Agora é com vocês! A sua vez de ler, aprender e contar essa história, chegou! Tenham todos uma boa leitura, uma feliz viagem pelo tempo e espero que entendam e valorizem cada pedacinho desse chão.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO: Júlio César Tolentino

DEPARTAMENTO DE CULTURA/ PATRIMÔNIO CULTURAL: Adriana Mikaelly Soares Silva e Silveira

PESQUISA, TEXTO E DIGITAÇÃO: Lílian Claudine Marques Gonçalves Mota

- Material elaborado com a finalidade de desenvolver a Educação Patrimonial e a preservação da nossa história.

Janaúba, agosto de 2020

UM POVO SURGE ÀS MARGENS DO RIO

O clima era quente no verão, mas à noite, uma brisa fria aliviava o calor e afastava os pernilongos. Árvores e plantas como macambiras cercavam o lugar, onde havia abundância de frondosas gameleiras, juazeiros, jatobás e pitombeiras. A areia alva se expandia pela paisagem formando belas dunas, que protegiam como um exército, as águas calmas de um rio. Próximo dessas águas, moravam índios tapuias. Os índios eram



Rio Gorutuba. Foto: Pablo de Mello

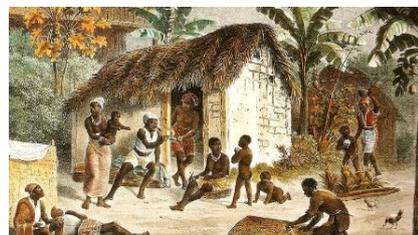


Tapuias - Dança do tarairiu (Albert Eckhout 1610-1666)

os primeiros habitantes daquele lugar e os únicos, até o século XVI. Porém, cada dia mais, enfrentavam poderosos coronéis que vinham lhes roubar a bela terra onde habitavam. Os tapuias, até tentavam defender seu povo e sua terra, mas não tinham forças, nem armas, para enfrentarem os tais coronéis e acabavam sendo mortos ou escravizados.

Perto dessas terras, existiam senzalas da antiga Vila de Nossa Senhora da Soledade de São José do Gorutuba, onde a escravatura era grande. A lei áurea ainda não havia sido declarada e a escravidão do povo negro era uma triste realidade na região. Também, perto dali, ficava uma cidade recém-emancipada chamada “Pai Pedro”, onde situavam-se engenhos com mão de obra escrava. Desses lugares, que eram verdadeiros infernos na terra para o povo negro, muitos deles, bravamente, fugiam em busca da liberdade. Parte dos negros que fugiam da escravidão, montavam seus quilombos próximos às águas desse rio.

Quando os quilombos começaram a ser formados naquele vale, os índios mais velhos cismaram ser, novamente, os portugueses que por ali andaram à procura de ouro no rio. Porém, ao notarem que só haviam negros e nenhum branco, se tranquilizaram. Os índios tapuias então, viram nos negros daqueles quilombos, companheiros para a luta e proteção daquele vale. Esses dois povos se misturaram e cresceram debaixo das árvores que cercavam o belo rio, formando um só povo: um povo cafuso ou caburé, resultado da mistura entre índios e negros. Um povo de boa índole, pacífico trabalhador e simples. Um povo que lutou pela liberdade e que agora só queria viver no seu chão.



Senzala. Obra de Johann Moritz Rugendas

Naquele rio, existiam muitos peixes, suficiente para alimentar todos os que habitavam o vale. Ao anoitecer, a lua clara iluminava a escuridão e a luz refletia nas dunas de areia fina e branca que cercavam as águas. Nesse instante, iniciava-se uma sinfonia de sapos grandes, que ali existiam aos montes. Esses sapos grandes ou sapo cururu, eram conhecidos por aquela gente como “kuruatuba”. Kuruatuba virou Gorutuba e significaria então, “Rio dos sapos”.



Gravura: By Velvet Green Creations

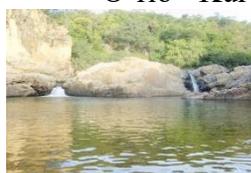


Rio Gorutuba – Bico da Pedra

Porém, há outra explicação para o nome do lugar, dada por Teodoro Sampaio em “O tupi na geografia nacional”, onde Gorutuba seria uma corruptela de *curú-tyba*, seixal, pedregal ou rio dos seixos e calhaus. Muitos concordam que a etimologia correta parece estar com Teodoro Sampaio, dada a quantidade de pedregulhos, seixos ou calhaus no seu curso superior, sobretudo na região de Santo Antônio do Gorutuba, hoje distrito de Catuni, município de Francisco Sá.

O importante é que o povo chamava aquele lugar de “Vale do Gorutuba” (kuruatuba, na língua indígena). E por toda a região, aquela gente passou a ser conhecida como “gorutubanos”.

SOBRE A CULTURA DE UM POVO: COMO VIVIAM OS GORUTUBANOS DO VALE



Rio Gorutuba – Bico da Pedra

O rio “Kuruatuba” fornecia água limpa aos gorutubanos e seus animais. Além disso, peixes como traíras, curumatãs, pias, pirambebas e outros, alimentavam a todos fartamente. Para se sustentar, os gorutubanos viviam dos produtos da terra, pois aprenderam o ofício de lavar e plantar quando eram escravos ou com seus antepassados.

O povo gorutubano vivia no Vale do Gorutuba, desde o século XVIII. No século XIX, quando da abolição da escravatura, nova leva de negros libertos ganhou os vales dos rios São Francisco, Verde Grande e Gorutuba, aí se fixando.



Obra "A abolição da escravatura": François-Auguste Biard

Construíam suas casas de pau-a-pique, com varas, vedadas com barro e telhados feitos com capim. Um gorutubano antigo, morador de Taperinha, narrou como eram

construídas as casas: “ - *Eles faziam aquelas casas de casca de pau. Pegava as perobas e cortava em baixo e em cima assim e enfiava uns cassador de pau, de modo que a casca soltava inteirinha. Aquela parte assim de 1,5 até 2 metro. As casa era de enchimento; era tudo feito de madeira, as casa era tudo de madeira, de enchimento, vara...*



Doença de Chagas. 1908. Lassance - MG. Foto: Instituto Oswaldo Cruz

isso tudo. Agora, o que é que eles faziam? Botava no chão, abria elas, uma por cima da outra, botava um pau pesado em cima, de modo que quando elas secava, ficava certinha né. Agora pegava e debruçava as casas. Uma botava em baixo, depois outra em cima até fiar na cumieira, dum lado e outro. As parede era de enchimento, batia o barro pra inchê. Algun, fazia um girauzinho de vara. Tinha fogão, mas de trempe, pegava aqueles pedaço de pedra, pedra não, é.. que no rio antigamente tinha aqueles lugar que dava umas bolota assim... tratava piçarra né? Esse que era o costume do povo do Gurutuba. Era o costume do povo negro mesmo...

Como fonte de renda e para produção de vestimentas, dedicaram-se ao plantio do algodão e a terra retribuía com farta colheita. Após a colheita do algodão, as senhoras



Mulher do quilombo Gurutubanos fiando - Foto: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas.2016

gorutubanas faziam fios de linha com o mesmo, uma atividade cultural que trouxeram da África a qual chamavam de fiar. Para fiar a linha de algodão, as gorutubanas utilizavam um pequeno instrumento denominado fuso. Após fiarem a linha, elas utilizavam os fios para tecerem por meio de uma máquina feita de madeira chamada tear.

Os gorutubanos tinham uma maneira própria de falar, uma mistura de sotaques, fonemas e dialetos resultado da mistura entre indígenas, africanos e portugueses. A entonação da voz saía como se eles estivessem cantando, com tendência a pronunciar a vogal ‘o’ no lugar da vogal ‘a’. Também costumavam usar a vogal ‘o’ no final das palavras. Segundo o Sr. Donato, gorutubano: “ - *um dos aspectos que caracterizam o gorutubano de hoje é a linguagem. O gorutubano substitui o fonema [ã] por [õ] e esse som nasal é bem fechado mesmo; ele fala momõe, momõe é contora, do verbo cantar. Quando eu estudei, eu até hoje tenho dificuldade de comunicação por isso; porque meus pais eram analfabetos. Então, quando eu fui pro colégio eu tinha a maior dificuldade, porque lá eu não podia usar a linguagem daqui; os colegas me matavam, criticavam; e aqui eu não podia usar a linguagem de lá. Eu não podia chegar em casa e falar assim nós vamos hoje, não; eu tinha que dizer nós vai hoje. Então eu falava uma linguagem lá*

e outra aqui. Lá eu era criticado e aqui faltava apanhar. Um dia disseram assim: - Tá bom de tirar esse minino do ginásio, que esse minino tá com uma ponta de língua que Deus me livre, ninguém aguenta esse minino com essa ponta de língua! E isso me intimidava sabe, e eu ficava meu Deus, como é que eu vou fazer? Aí juntava todo mundo - é mesmo mãe, é mesmo, tem que tirar mesmo. E eu morrendo de medo né, porque eu fui o único da família que consegui estudar. Também, no linguajar gorutubano não flexiona o verbo, só o eu que muda né, porque os outros não variam... eu vou, ele vai, nós vai, nós come, nós bebe, nós faz. Tudo é uma coisa só, não tem flexão. Em termos de tratamento é ancê. Ancê é um tratamento de muito respeito. A gente tomava bênção dos mais velhos e perguntava como é que vai ancê? Se falasse você, ah, Deus me livre. Era motivo de apanhar, ou 'ponhar'. Era ancê, eu vou lá na casa de ancê.”

Por isso, as senhoras gorutubanas chamavam o tear de “tialo” e nele teciam lençóis, toalhas, cobertores e blusas de características próprias. Para obterem tecidos coloridos, era necessário obter anil natural ou índigo, trazido da Índia, pois até 1905 ainda não existiam corantes artificiais. Por esse motivo, quase todos os tecidos de algodão produzidos pelas gorutubanas, eram na cor branca ou preta. Elas usavam uma blusa branquinha, alvejada ao sol, com detalhes típicos daquela gente, como o rendado feito à mão. A blusa era leve para enfrentar o calor nortemineiro e mostrava, nos detalhes, o capricho e cuidado com que as gorutubanas faziam suas vestimentas. A saia de algodão puro ganhava um cós fino, ou apenas o elástico na cintura. Para confecção das saias, o tecido era tingido com fruta de pau ferro e lama. Era bem rodada e comprida! Com o tempo, passaram a tingir com corantes artificiais.



Obra gorutubana de Gilsa Alcântara

Para os homens, as gorutubanas confeccionavam camisas e calças de algodão larga, que eram tingidas com anil natural, quando possível. Com o passar do tempo, quando conseguiam corantes coloridos para tingirem o tecido de algodão, as gorutubanas confeccionavam uma calça masculina para festas. Essa calça, devido à complexidade do processo de confecção, poucas gorutubanas sabiam fazer. Era a calça de tanga com



Gorutubana de Gilsa Alcântara

olhinho, que elas chamavam de “tonga de uim”. As linhas tingidas de várias cores, ao serem fiadas, formavam listas ou quadrinhos e, no meio desses quadrinhos, ficava um pontinho que elas chamavam de ‘uim’ (olhinho). Por essa razão, a chamavam de ‘tonga de uim’. Quando se arrumavam para sair, os homens gorutubanos vestiam suas roupas típicas, usavam um chapéu de palha e o cinto de couro. As mulheres usavam suas saias folgadas

e compridas, com a blusa gorutubana branquinha e um pano utilizado como lenço na cabeça. Estavam assim, prontos para qualquer festividade ou passeio.

Uma gorutubana antiga, chamada D. Antoninha, conta como era a atividade de confecção de roupas: “ - Nós fiava né, assim que nem pai de fãmia era uns ropão tudo de algodão, era camisa de algodão. Dentro de casa, até assim em festa e reza nós ía assim com essa mesma vestuária. E agora tem aquelas roupinha, sainha, camisinha de paninho, um paletozinho porque não podia comprar outra né... Pra fazer as coberta tingia né, agora pra fazer roupa era branco. Antigamente os véio, o marido meu mesmo vestiu foi muita roupa de pano de algodão singelo sem ser ‘tonga’ (tanga), que tinha o singelo e tinha as tonga, pra quem sabia fazer. Tingia a linha e fazia as tonga, era pano de lista. Lá no tear ela ficava branca e o pano tinha era de algodão, só branco; fazia camisa e calça. Tudo feito à mão. Agora, as agúia nós comprava. Sapato, num tinha esse negócio de sapato não, era precata de couro. Nós andava é descalço, agora quando tinha que ficar calçado, cortava era um couro desses, fechava e fazia as precata. Quando às vez algum desse senhore que vê que comprava sapato, ele ia pra reza, trelava o sapato e punha no ombro e ficava pra calçar lá chegando na casa. A hora que acabasse aquela reza que ele ia embora tornava tirar o sapato dele e jogava no ombro e ia descalço. Tinha minino aqui quando ele ia vestir uma calça ele já tava com 12 anos mais ou menos. Só vestia calça quando virava home. As menina tudo já mocinha tudo de jambrão de algodão. Não tinha essas coisa que tá hoje não moço. A da minina tinha outros corte né. A menina era feito o vestido né, e o home feita a camisa. Muié, se não fosse 4 metros de pano não dava, não fazia uma saia não. Arrumados, bem vestidos, era só dizer onde seria a festa e pronto!



Obra: Gorutubana a fiar, de Gilsa Alcântara

Uma marca das festas gorutubanas era o batuque. O batuque reunia tambor, caixa, triângulo e, com o passar dos anos, uma violinha e o violão; a violinha é de 10, 12 cordas, o violão é de 6; a caixa é feita em madeira com o uso do couro de veado ou cotia. Em roda, normalmente as mulheres dançavam com as mulheres e os homens com homens, ao centro, todos rodando, cantando e jogando versos alternadamente.



Batuque em quilombo 'gorutubano'. Foto: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas.2016

Uma das atividades festivas era o casamento gorutubano. A cerimônia era simples e acontecia na igreja católica, quando possível. Uns ficavam em casa matando os porcos, boi, assando biscoito e fazendo bastante comida. Quando a noiva estava pronta, o pai

soltava foguetes avisando que ela já estava saindo. E quando o noivo ia para a igreja, também soltavam fogos avisando a família da noiva. O povo ia à festa a pé ou a cavalo, enquanto a noiva ia de charrete. O pessoal de casa, esperava os cavaleiros anunciarem que os noivos já estavam casados e saíam com comidas e bebidas ao encontro



Obra: Casamento em S. José do Gorutuba, de Gilsa Alcântara

do cortejo. Vinham todos cantando e dançando ao som do batuque dos foliões que batiam suas caixas. A música dizia: “ – leva eu soldado, leva eu pra lá. Sabendo de quem eu sou, leva eu pra namorar...” Chegando na casa da noiva, a recepção já estava pronta com a mesa posta e todos dançavam em volta. O Sr. Estevão Barbosa da Fonseca (gorutubano) diz como era o casamento gorutubano: “- *Vixe! Era três dias de festa. Tem essa batucada,*



Dança da Catira. Fonte: acervo de Argentino Barbosa Ferreira

cachaça. Tinha festa sempre quando vinha um padre. Ía buscar um padre lá no Francisco Sá, Porteirinha, ou no Riacho dos Machados ou ne Monte Azul; eu mesmo, quando fui casar foi buscar o padre em Monte Azul. No dia que eu casei, casou catorze casal. Foi o Padre Evaristo, vinha a cavalo, não tinha esse negócio de carro não. Foi um festão, matou boi, foi um cozinhamento danado no fundo. Fincava uma furquia, fazia uma casa na frente da casa, e fazia uma mesa de vara aí e fazia a festa, quando os noivo chegava. Chegava o noivo mais a noiva, entrava pra dentro, sentava e ficava com a cara com coisa que tinha muita vergonha... era só senvergonhiça. A dona da casa já vinha com o lençol e furrava pra eles sentar. Aí botava a mesa lá, e vinha a cachaça, uma caixa, uma viola. Os noivo não comia não, o povo comia e eles fazia com coisa que tinha vergonha. E era só brincadeira. Quando cabava ficava a noite inteira batendo caixa, pulando batuque.”

Depois do jantar, tinha o batuque e iniciava-se a dança da roxa. Na chamada “Dança da Roxa”, as mulheres não dançavam porque a Roxa seria disputada e tocada por vários homens. Naquele tempo a mulher era muito preservada e não era recomendável mulheres dançarem em festas. Um homem se arrumava como mulher, com lenço na cabeça, ‘rouge’, batom, colares e saia rodada. A cantiga dizia: - segura a Roxa, senão vai embora. Essa Roxa é minha, ela é minha senhora. ” O pessoal cantava, batucava, e batia palmas em círculo ao som da viola, da caixa e violão. Uma fogueira iluminava o círculo, onde no centro, os homens dançavam uma espécie de sapateado



Tia Teu durante a Dança do Pote. Foto: Luiz Carlos Cabrine

disputando a prenda, que seria a Roxa. (Depoimento de D. Domingas Bispo – gorutubana).

Outra dança típica dos casamentos gorutubanos era a “Dança do pote”. Essa dança consiste em manter o equilíbrio por muito tempo, até o pote cair. A mulher dança com



Mulheres gorutubanas Foto: Sem autor conhecido. Internet

um pote na cabeça. Ao cair e quebrar, esse pote revela uma surpresa ao público. Na maioria das vezes o pote possui balas ou outros tipos de guloseimas que atraem a atenção das crianças e dos adultos. A gorutubana Euzinha Fernandes dos

Santos, Tia Teu, conta como é: “- a tradição da dança do pote é ensinada de pais para filhos. Meus avó me ensinaram que quando numa família gorutubana tinha o casamento da filha mais nova, que era quem sempre devia ser a última a casar, havia a quebra da gamela ou do pote. Por causa disso, essa dança é uma tradição gorutubana.” Bem, não dá para ninguém dizer que esse povo era triste pois criavam muitos motivos para festejar e sorrir, mesmo em meio aos problemas que enfrentavam de sol a sol.

Como falamos do uso do algodão para produzir as vestimentas dos gorutubanos, não era apenas para isso que o cultivavam. Às vezes, quando a colheita era farta, viravam moeda de troca nas cidades vizinhas, onde adquiriam outros gêneros de necessidade como o sal e medicamentos. Mas o algodão colhido, também era utilizado para fins medicinais e confecção de pavios usados nas lamparinas que iluminavam as casas.

Animais como porcos, cavalos, burros, cabras e galinhas eram criados para alimentar a gente que crescia e se tornava cada dia mais forte e determinada. Também começaram a criar uma raça primitiva de gado, conhecida como curraleira, para consumo próprio. Era um gado de cor predominantemente preta, de pernas finas, chifres retos e agudos, cujo mugido era similar ao do gado holandês. Entretanto, produziam pouco leite, mas eram resistentes ao clima quente e bom para corte. Na pecuária tipicamente gorutubana, não haviam grandes criadores de gado entre o povo.



Gado curraleiro pé-duro. Fonte: Globo Rural de 31/10/2014



Rio Gorutuba. Fonte: Luiz Carlos de Oliveira

Com o couro dos animais abatidos, os gorutubanos faziam seu calçado de forma artesanal. Na maior parte do tempo, os gorutubanos andavam descalços. Os chinelos produzidos com o couro eram usados apenas em casos de necessidade. Como relatavam os mais antigos: - “*chinelo só quando tomavam purgantes ou quando a mulher estava de resguardo*”. Afinal, caminhar nos arredores do rio, com sua areia abundante e fina, devia ser deliciosamente terapêutico. Talvez venha desse tempo a expressão “gorutubano do pé rachado”. Andar descalço o dia todo, na terra seca e empoeirada, resseca a sola dos pés causando rachaduras. Mas, com tanta areia fininha para caminhar nessa época...usar chinelos próximo ao rio, para quê?!



Chinelo de couro. Foto: Elo7

Na agricultura, os gorutubanos plantavam o feijão catador, que depois passou a ser conhecido como “feijão gorutuba”. Um feijão com grandes grãos conhecido como a fava e o andu (que era um feijão redondo e pequeno que nascia em arbustos), também eram cultivados. Ainda plantavam um arroz avermelhado, milho, batata doce, mandioca, abobreiras, caxixe, amendoim e árvores frutíferas como mangueiras, goiabeiras, laranjeiras, bananeiras, limoeiros e cajueiros. Umbuzeiros, pés de tamarindo e de siriguela, melancias ao chão, alegravam os quintais, fazendo a festa da criançada quando era época de frutificar.



Cabaças secas. Foto: Mercado livre

Cabaças também eram plantadas para alimentar e produzir vasilhames após estarem secas. O gado era alimentado com palmas, que resistiam às estiagens e clima seco, mas também era consumida pelo povo cozida ou frita. A mamona era cultivada pois, através dela, eles obtinham o óleo que iluminava as lamparinas e o azeite para fins medicinais.

A meninada também se divertia, produzindo brinquedos e brincadeiras no quintal das suas casas. Os frutos da mamona viravam bolinhas e armas de atirar. As meninas preferiam o milharal, de onde tiravam a palha e os cabelos para confeccionarem suas bonecas e brincarem de casinha. Porém, quando sobravam tecidos, as mães gorutubanas confeccionavam bonecas de pano para as filhas e a alegria era grande no coração de quem recebia o agrado carinhoso.



Quilombo gorutubano no centro-norte mineiro.
Foto: Aderval Costa Filho. 2008

Na hora do almoço, subia o cheiro delicioso do toucinho fritando, para receber o andu ou o feijão catador, se transformando em uma deliciosa farofada. A carne que secava ao sol, era frita ou socada com farinha de mandioca, no grande pilão de madeira que ficava no quintal. Após muito trabalho, o pilão guardava dentro dele, aquela mistura de



Gorutubana com o pilão – Gilsa Alcântara

carne e mandioca esmagada, que se transformara em uma deliciosa paçoca. Às vezes, era o amendoim que enchia o pilão e a paçoca era doce e disputada pela meninada. Com o milho, várias iguarias enchiam a mesa após saírem do fogo à lenha: milho cozido ou assado, mingau... Era tudo de lamber os beiços, pois essa gente gorutubana sabia cozinhar gostoso! Com o passar dos anos, a culinária gorutubana foi se aperfeiçoando ainda mais pois, a farinha de milho, o trigo e a goma eram manuseados pelas mulheres com maestria. Eram biscoitos de vários tipos, beijus, cuscuz, bolos de milho, mandioca, banana. Uma gorutubana antiga, chamada D. Tomázia dizia: “ - *Ía pra roça trabalhar com o marido, trabalhava o dia todo e aí quando era a tardezinha ía pra casa e quando era à noite ficava fiando até meia noite. No outro dia, ia pra roça de novo trabalhar; e era sempre assim. 5 horas da manhã ia trabalhar e quando nós chegava aqui já tava escuro... plantava muita mandioca, batata, milho... pisava milho pra fazer farinha pra comer.*”

Como aprenderam a manusear a argila com os índios tapuias, com o tempo, os gorutubanos se aperfeiçoaram no artesanato. Faziam os utensílios da cozinha como: pratos, panelas de barro, potes. Tinham também, as tradicionais gamelas feitas com madeira. Quem



Arte com argila gorutubana. Foto: Pág. Facebook Janáiba MG

conseguia trocar algo em Riacho dos Machados ou Januária, conseguia comprar pratos de esmalte, mas só usavam quando recebiam visitas ou em ocasiões especiais.

Segundo relatos de uma gorutubana antiga chamada D. Antônia, era assim:

“ - *Nós comia era em prato de barro, nas gamela. Ia nas lagoa, tirava barro e fazia panela de barro, aqueles prato parecendo uma sopera, tudo de barro. Comia muito com a mão. As vezes comia assim numa gamela. Embolava todo mundo na gamela. E rodava. Vinha tudo forrado de carne, de arroz, que arroz tinha um bocado, ninguém comprava arroz não. Quando não matava um porco, matava um bode; e aí agora era aquela gamelona de arroz, carne com fartura, nós comia que largava. Quando era meio-dia, era*

uma bacia de paçoca de carne, ou então umas duas rapadura com farinha. Ia no mato, matava uma capivara. Êta moço, quêta!”

Nos tempos em que a chuva vinha, a fartura na mesa acontecia. Mas quando os períodos de estiagem eram longos, o sofrimento dessa gente era grande. Entretanto, era aquela gente um povo de fé, talhado na luta pela vida e que não desistia fácil da peleja. Eram gorutubanos!



*Gorutubana com o pilão.
Autor: desconhecido*



Gorutubanas – Obra de Gilsa Alcântara

UM POVO DE FÉ

A mistura entre dois povos tão distintos como indígenas e negros de origem africana, também influenciou a fé dos gorutubanos. Com a chegada dos brancos, a mistura ficou ainda maior e quanto mais influências recebiam, mais a fé desse povo tomava uma forma única. Os índios tapuias não tinham uma religião, mas suas crenças eram



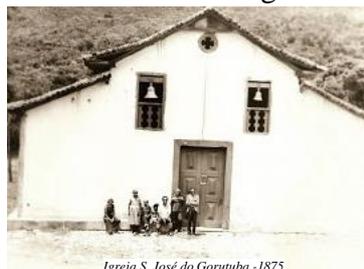
Casamento S. José do Gorutuba – Obra de Gilsa Alcântara

manifestas nos rituais de cura dos pajés e em suas festividades. Já os negros afrodescendentes praticavam o Candomblé, que no início era a principal religião dos gorutubanos. Ao notarem o crescimento do povo no Vale do Gorutuba, fiéis católicos vindos das cidades vizinhas, trouxeram o Catolicismo Romano. A religião católica foi

aceita pelos gorutubanos, que passaram a expressar a fé cristã, tendo o catolicismo como sua principal religião.

Os gorutubanos seriam assim, católicos, embora conjugassem catolicismo popular e práticas de origem africana. As festividades religiosas aconteciam em ritmo tipicamente indígena e africano no início. Os batuques, típicos do Candomblé e dos rituais indígenas,

se misturavam e envolviam os gorutubanos em um ritmo só. Com a chegada do catolicismo, as festas religiosas mudaram, mas o ritmo continuava o mesmo, porém, novos instrumentos vieram. As festas dos santos aconteciam ao som da viola, sanfona, cuíca e o triângulo, que se uniram com a zabumba e o pandeiro do povo nativo.



Igreja S. José do Gorutuba - 1875
Foto do acervo de Gilson Alcântara tirada em 1977

Por volta do século XIX, com a chegada ao Brasil da Folia de Reis (uma tradição cristã nascida em Portugal e Espanha), essa festividade foi agregada ao calendário gorutubano. O grupo de foliões percorre as casas do lugarejo, tocando músicas e dançando para celebrar o nascimento de Jesus e seu encontro com os Reis Magos. O ritmo da viola, sanfona, triângulo e zabumba leva os corpos dos foliões a dançarem um sapateado, com giros e passos coreografados. Os donos das casas, em troca, oferecem comidas e prendas. A fé desse povo está presente até nos momentos de diversão e confraternização.

Outra festa que os antigos celebravam e até hoje mantêm a tradição é o São João.



Papas Stéfano: festa junina
Pintor greco-brasileiro contemporâneo

Atualmente, a festa recebeu na cidade de Janaúba, o nome de “São João Gorutubano”, em homenagem àqueles que trouxeram e fincaram as raízes e a tradição das festas juninas nessas terras.

Nos tempos quando ainda não existiam igrejas nas terras do Vale do Gorutuba, o povo gorutubano saía do vale, a pé ou em cavalos e carroções, até São José do Gorutuba, para ali assistir os atos religiosos. Com o passar dos anos, construíram capelas como a de Santa Rita de Cássia, no povoado de Barbosas. A capela de Santo Antônio e de Santo Cruzeiro foram construídas no Barreiro da Raiz. Somente anos depois, quando fosse povoado de Gameleira, é que nasceria a primeira igreja gorutubana: a capela de Bom Jesus.



Festa do Divino na Igreja S. José do Gorutuba
Foto do acervo de Oliveira Júnior



Casamento S. José do Gorutuba – Obra de Gilson Alcântara



Igreja S. José do Gorutuba. (1875) Foto do acervo da Prefeitura de Porteirinha



Festa em quilombo 'gorutubano'.
Foto: Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas.2016

O RIO “KURUATUBA” FAZ NASCER GAMELEIRA

O Vale do Gorutuba ainda pertencia ao município de Grão Mogol. Nesse vale, o povo gorutubano crescia e se multiplicava. Era uma gente trabalhadora, forte e dedicada no cuidado e respeito à terra e ao rio. Como cada família possuía seu pedaço de terra, as casas eram construídas distantes umas das outras. Não havia ainda nenhum resquício de urbanização naquele lugarejo.



Carro de boi – Obra de Gilsa Alcântara



Rio Gorutuba – Foto do acervo de Lutz Carlos de Oliveira

Conforme o povo crescia, o número de casas se intensificava, passando o lugar a ser reconhecido pelas redondezas como um bom local para que os viajantes passassem a noite. Os boiadeiros encontravam no rio a água e o mato verde que precisavam para alimentar a boiada, enquanto descansavam e dormiam à sombra de frondosas árvores. O lugar passou então a ser ponto de encontro de boiadeiros e viajantes, fazendo se estabelecer naquele vale do Gorutuba, um pequeno comércio.

Os viajantes chegavam e saíam. As viagens, nessa época, eram feitas a pé, a cavalo, de carroça ou carroção. Não haviam estradas para carros, nem a estrada de ferro chegara. Os carroções eram um espetáculo à parte! Eles eram puxados por até quatro juntas de bois. Os eixos desses carroções eram construídos com madeira, e ao girarem as rodas, produziam um som alto. Quem estava longe conseguia ouvir o cantar dos carroções.



Carro de boi - Ferrez, Marc (1885 circa)

Naquela época, os tropeiros prestavam serviços essenciais, haviam muitos deles desbravando estradas em Minas Gerais. Ranchos e lugares com rios ou bebedouros, tornavam-se pontos de encontro para descanso e alimento de tropeiros e boiadeiros. O vale do Gorutuba era um ótimo local e assim, em breve daria lugar a um povoado e a pequenos comércios.



Tropeiros de Minas Gerais Foto: Acervo do Museu do tropeiro

Além de tropeiros de várias regiões que visitavam a cidade, o vale também tinha os seus. Os tropeiros gorutubanos saíam para comercializar algodão em cidades vizinhas como Januária (localizada às margens do rio São Francisco), Pai Pedro e Riacho dos Machados, de onde traziam outros gêneros de primeira necessidade como sal, remédios e tecidos. Suas tropas eram compostas por burros, cavalos e transportavam toucinho salgado, feijão, pedaços de carne salgada e farinha. Os alimentos ficavam conservados em uma buaca de couro e nos pousos, eles comiam o feijão cozido com a carne e o toucinho, misturando farinha. Esse prato ficou conhecido como feijão tropeiro, que às vezes, ganhavam ovos e couve doados por moradores do local onde repousavam.



*Trapeiros gorutubanos na Praça Dr. Rockert (1979)
Foto do acervo de: Heloisa Cruz*

Os gorutubanos mais antigos contavam que, no ano de 1872, veio da região sul da Bahia, um senhor chamado Francisco Barbosa. Com sua esposa e filhos, o senhor Francisco organizou sua fazenda nas terras da Caatinga Velha. Próximo de uma frondosa Gameleira, construiu a sua casa, estabelecendo moradia definitiva no vale do Gorutuba. Francisco Barbosa e família são conhecidos como os primeiros habitantes de fora a morarem no vale.

Os tropeiros vindos de fora, sempre paravam debaixo da grande gameleira, que proporcionava sombra aos viajantes. O clima no vale do Gorutuba é quente na maior parte do ano, com céu sempre límpido e brisa que refresca nas madrugadas.



*Figueira-brava ou Gameleira: postal enviado por Euclides da Cunha, c.1902.
Fonte: Rodrigues (1956).*

O povoado começava a crescer e passou a ser conhecido pelos viajantes como “Gameleira”, pois era debaixo dessa árvore que se encontravam para descansar. O outro



Homens que iam à frente da construção da rede ferroviária. Chegando em Janaúba – Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

lado do rio, onde moravam os gorutubanos, também passou a ser conhecido pelo nome de Gameleira. No ano de 1922, o povoado Gameleira deixou de pertencer à cidade de Grão Mogol, passando a ser parte do município de “Brejo das Almas” (atual cidade de Francisco Sá).

O povoado de Gameleira recebia moradores novos, que iam se misturando aos gorutubanos, criando assim uma sociedade rural comprometida com o trabalho, sem exclusão por cor de pele ou outro preconceito qualquer. Conviviam pacificamente em Gameleira, uma gente que não via em seu tom de pele, diferença alguma. Eram proprietários de seu pedaço de chão e ninguém tiraria a terra de ninguém por qualquer motivo que fosse. Somente a troca ou a venda de terras, ou alguma lei federal, justificaria a perda de qualquer pedaço já ocupado. Até esse tempo, o convívio em Gameleira era pacífico.



Gameleira – década de 40. Foto: acervo de Heloisa Cruz.

Assim sendo, chegaram outros pioneiros como Antunino Antunes da Silva (conhecido como Antônio Catulé), Américo Soares de Oliveira, Jacinto Mendes, Santos Mendes e Mozart Mendes Martins, que se estabeleceram nos arredores do povoado. Em Gameleira, essas famílias montaram suas fazendas e fizeram comércio, aumentando ainda mais a visibilidade do povoado. Segundo relatos dos mais antigos, Santos Mendes, fazendeiro em Brejo das Almas, com terras no povoado de Gameleira, doou as terras para fundação do referido povoado.



Américo Soares de Oliveira (de terno) e esposa, Dona Brasilina. Acompanhados pelos filhos. Foto: Christian Mota

Mas nem só de bons momentos vivia o povoado de Gameleira. Seu Emídio Pereira, era filho do fazendeiro José Antônio Pereira da Silva, que estabelecera moradia às margens do Gorutuba, desbravando matas e terras. Ele narra, em biografia publicada, que no ano de 1915 ocorreu uma seca severa nessa região



Negros libertos, deixa disso, nhô João, 1900 Fotografia: Lunara Fonte: Museu Joaquim Felizardo/ Fototeca Sioma

norte-mineira. A seca foi tão intensa que nenhuma lavoura resistiu. Sem lavoura, não havia alimentos para consumo das famílias, tampouco produtos para troca nas cidades vizinhas. E o pior pesadelo aconteceu: o rio Gorutuba chegou a secar, ficando sem condições de fornecer água ao povo e seus animais. Nesse tempo, ainda não havia estradas nem outro meio de transporte para que o povo pudesse buscar ou receber ajuda de outros lugares. Como consequência dessa seca, muitos adultos e crianças morreram de desnutrição e até mesmo de fome em toda a região, inclusive em Gameleira.



Seca no norte de Minas Fotografia: Frederico Haikal/ Hoje em Dia

Contudo, em 1919, segundo relatos do Sr. Emídio Pereira, a chuva veio, farta, abundante, mas destruidora! A chuva foi intensa e durou dias, chegando a ser comparada por ele a um dilúvio. O Rio Gorutuba encheu tanto que transbordou para fora de seus



Cheia no Rio Gorutuba – Foto: acervo do D.I.G

limites. As suas águas chegaram até o ponto onde, atualmente, está localizada a rodoviária do município. O local onde posteriormente seria construído o Parque de Exposições e o Mercado Municipal, inundou a ponto de parecer um mar de água barrenta. Muitos moradores e fazendeiros tiveram que fugir das casas para se abrigarem em lugares altos, com suas famílias. As partes mais baixas de Gameleira ficaram submersas pelas águas do rio Gorutuba, na grande enchente de 1919.



Cheia no Rio Gorutuba – Foto: acervo do D.I.G



Américo Soares de Oliveira, D. Brasilina Rosa e filhos. Foto: Giovana Dias

A natureza sempre foi imprevisível, mas há respeito aos seus sinais, seja de seca ou de enchente. Sabe-se que contra ela só nos resta aceitar e rogar a Deus por misericórdia! Mas, quando se luta contra a maldade humana, o sentimento de injustiça dói na alma de quem sempre foi justo e buscou o bem na terra de Gorutuba. Foi isso que aconteceu em Gameleira, no ano de 1926, causando tristeza e revolta, segundo relato do Sr. Emídio Pereira. Uma tropa com cerca de 200 (duzentos) bandidos perigosos e fortemente armados, chegou ao povoado de Gameleira. Vieram da Bahia, passando por Minas Gerais e, nenhuma cidade, distrito ou povoado escapava das mãos cruéis do bando. Por onde passavam, roubavam os comércios, saqueavam fazendas e residências, deixando o povo à mercê de suas armas. A população, apavorada e indefesa, fugia para dentro da mata deixando tudo para trás e protegendo o que lhes era mais precioso: a vida de todos. Dessa forma, os bandidos acharam Gameleira deserta, tomando posse das casas, comércios, fazendas, saqueando e consumindo tudo o que encontravam pela frente, deixando apenas o que não puderam carregar. Em seguida, saíram em direção a região sul de Minas, deixando para trás um rastro de destruição e uma sensação de insegurança em todos os moradores de Gameleira.



Um triste relato de como a maldade e violência humana atingiu Gameleira em 1926, mas nenhuma vida foi ceifada, graças à prudência de um povo que sabia ser a vida seu bem mais precioso.

DE POVOADO A DISTRITO, GAMELEIRA CRESCE

Gameleira assim crescia, se estruturava cada dia mais e com um centro urbano grande demais para ser conhecida apenas como um povoado. Nesse tempo, o mundo vivia uma enorme crise financeira, resultado da Primeira Guerra Mundial (que acontecera de



Direitos autorais: PhotoQuest/Getty Images

1914 a 1918) e agravada imensamente pela gripe espanhola em 1918. A gripe espanhola, (que infectou 500 milhões de pessoas de 1928 a 1920), acabou matando cerca de 50 milhões de pessoas, mais do que a guerra. Enfim, tudo isso levou países a recorrerem aos Estados Unidos da América para conseguir recursos financeiros, levando esse país a tornar-se o centro financeiro do mundo. Com o Brasil não foi diferente e cerca de 35 mil brasileiros morreram pelo vírus influenza, causador da gripe espanhola. Assim, a crise financeira impulsionou muitos brasileiros a procurarem um lugar melhor para viver, onde tivessem oportunidade de crescer financeiramente.



Direitos autorais: Biblioteca Nacional

No ano de 1920, ao notar que havia um crescimento populacional no povoado, o Juiz de Paz Sr. Avelino Pereira, no Distrito de São José do Gorutuba, município de Grão Mogol, enviou mandado para que se cumprisse o primeiro recenseamento em Gameleira. O Sr. Abílio Rodrigues participou da contagem do povo, efetuada em todas as regiões ligadas à Gameleira, à margem esquerda do Rio Gorutuba. Fora visitada uma área com cerca de seis léguas (36 quilômetros), iniciando em Formigueiro na região da Lagoa Grande. Ao final do recenseamento, foram contabilizados mais de mil habitantes em Gameleira. Juntos, gorutubanos e gameleirenses, seriam a base para a construção de um Distrito, unidos pelas águas do Gorutuba.



Já no ano de 1922, vários novos moradores chegaram ao povoado de Gameleira,



Escritório da Central do Brasil em Gameleira
Década de 40. Foto: acervo de Heloisa Cruz

que devido à sua localização e água abundante, atraía mais e mais fazendeiros. O mais destacado dentre eles foi Antônio Casemiro Sobrinho, que fundou sua fazenda próxima ao povoado de Gameleira. Essa fazenda, posteriormente, serviria como escritório e armazém do acampamento de obras da estrada de ferro. A estrada de ferro chegaria em breve, trazendo o tão esperado progresso a Gameleira e região.

Em setembro de 1926, o Dr. Francisco Sá, então Ministro da Viação e Obras Públicas no governo do Presidente Artur Bernardes, fez correr o primeiro trem para a cidade de Montes Claros-MG. O Dr. Francisco Sá traria esperança de dias melhores para todo o povo norte-mineiro pois onde o trem passava, o progresso chegava nos trilhos, ao som da locomotiva.

A Estrada de Ferro Central do Brasil foi inaugurada em Montes Claros, maior cidade do Norte de Minas, em 1926, quando o município passou a ser ‘ponta de trilho’ e ficou conhecido como boca do Sertão. Quando uma cidade se tornava ‘ponta de trilho’, abria o mercado de consumo e a imaginação. As pessoas ganhavam mais que mercadoria de fora. Assim as cidades passavam a se desenvolver e se tornavam referência para os locais próximos que ainda não tinham ferrovia” - diz a historiadora Simone Lessa. A partir da inauguração do trecho de Curralinho (atual cidade de Corinto) até Montes Claros, no norte de Minas, começou-se a trabalhar para o prolongamento da linha férrea, ligando-a até a cidade de Contendas, na Bahia. A comissão de construção dessa estrada férrea, que teria uma estação de trem em Gameleira, ficou a cargo do engenheiro Demosthenes Rockert (sub-diretor da 5ª divisão da Central do Brasil) e Oton de Souza.



Estação de trem em Montes Claros - MG. 1926. Acervo Wanderley Duck



Homens que iam à frente da construção da rede ferroviária em Janaína. Década de 40 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

Assim sendo, foi elaborado um projeto para elevar o povoado de Gameleira a Distrito. Além da estrutura populacional, três fatores seriam fundamentais para que Gameleira se tornasse um Distrito: a fundação do patrimônio, a construção de uma praça central e a distribuição das terras. Para dar início ao processo de urbanização do núcleo central de Gameleira, o então prefeito do município de Brejo das Almas, o Dr. João Bawden Teixeira, que era também Engenheiro Geógrafo (formado na Escola de Minas, em Ouro Preto), solicitou que fossem feitos os traçados de uma praça, com quatro inícios de arruamento.



Estação de Burarama (Capitão Enéas) na inauguração, em 1944. Foto PRESERFE

No ano de 1930, segundo relato do Sr. Emídio Pereira, filho de pioneiros no Vale do Gorutuba, ocorreu uma reunião na residência de José Antônio Pereira da Silva, seu pai. O objetivo do grupo ali presente, era discutir e analisar o patrimônio de Gameleira, de acordo com uma das prerrogativas para o povoado vir a ser um distrito. Nessa reunião,

após acerto de todos os presentes, foi fundado o Patrimônio de Gameleira, que ficava à margem esquerda do Rio Gorutuba. Desde o início, o rio é testemunha e principal motivo do nascimento de um povo, de uma cidade que seria referência no país.



Rio Gorutuba. Foto: acervo de Luiz Carlos de Oliveira

Os fundadores foram: Avelino Pereira (Juiz de paz do Distrito de São José do Gorutuba), Antonino Antunes (Antônio Catulé), Santo Mendes, Américo Soares de Oliveira, José Antônio da Silva, José Manoel da Silva, José Prudêncio na Silva, Felix José Safin, Manoel Pereira Barbosa Cunha, Topázio Teodoro de Souza, Maria Luíza de França, João Zeferino Dias, José Barbosa da Cunha, Antônio Silveira, e Alfredo Miguel Veríssimo.

No mesmo ano de 1930, os fundadores do Patrimônio de Gameleira organizaram um mutirão para desmatarem uma área de 20 mil metros quadrados, que seria o espaço destinado a construção de uma praça, cumprindo assim outro requisito para que o povoado se tornasse distrito. Ao todo, 38 homens com foices e machados desmataram o espaço onde seria construída a praça, posteriormente denominada de Praça Doutor Demosthenes Rockert, homenagem prestada ao engenheiro da Central do Brasil, Dr. Rockert. Foi a primeira praça da cidade e, até os dias atuais, reflete a história desse lugar. As casas próximas à praça também continuaram sendo erguidas pelos novos moradores do povoado, liderados por Antônio Catulé, que erguera ali também sua casa.



Praça Dr. Rockert - décadas de 1940 e 1950. Capela do Senhor Bom Jesus ao fundo. Fonte: Arquivo da Prefeitura de Janaúba



Lateral da Capela do Senhor Bom Jesus- Missa em 1951
Foto: Acervo da Paróquia S. Joaquim - Porteirinha - MG

durante uma seca severa na região. Uma construção simples, mas feita com muito amor e doação, unindo muitos fiéis na construção voluntária. Gorutubanas e gameleirenses unidas, limpavam com carinho o chão de cimento. Algumas colhiam flores para perfumar e enfeitar o ambiente. Toalhas alvas com rendas artesanais, bordadas delicadamente por aquelas mãos grossas (que lidavam com a enxada de sol a sol), eram colocadas com capricho na mesa, arrumada com devoção.



Capela do Senhor Bom Jesus em 1951- Foto: Paróquia S. Joaquim

Os cultos eram conduzidos por visitantes como o Vigário de Porteirinha, o cônego Julião Arroyo Gallo – que fundou o centro local do Apostolado da Oração. O dia da inauguração da Capela do Senhor Bom Jesus foi um evento de grande importância para o povoado e região. Os padres e coroinhas vieram de Montes Claros no lombo de burros para a cerimônia da primeira missa na comunidade Gameleira, além de visitantes de regiões vizinhas como Barreiro da Raiz até a comunidade Jacaré Grande.



Altar da Capela do Senhor Bom Jesus- Missa em 1951- Padre Julião Arroyo Gallo
Foto: Acervo da Paróquia S. Joaquim - Porteirinha - MG

Como a capela era pequena, várias pessoas acompanhavam do lado de fora. Dentro do lugar, o silêncio reverente que falava mais alto que qualquer voz. Um silêncio nos rostos marcados pelo sol da peleja diária, de quem teria que construir seu presente, tijolo a tijolo, mas que não reclamava do tempo difícil pois confiava. Essa confiança vinha da fé que possuíam, que os animava, despertava-os a cada novo dia. Não saíam poemas, nem palavras rebuscadas das bocas que insistiam em sorrir, mas do coração saía sinceridade. Eles sabiam que o Senhor Jesus lhes escutava quando clamavam por chuva, quando agradeciam pela colheita ou quando choravam a dor sofrida de ver a terra secar.

Aquele povo gorutubano, de mão calejada, sabia ser delicado ao tocar cada utensílio da capelinha. Sabia ser respeitoso ao pronunciar cada trecho da palavra, mesmo sem saber ler. Enxergavam além das letras, pois a fé olhava para o que era invisível aos olhos, mas o coração sentia e sabia. Foi a fé, que levou aquele povo simples a manter vivo até hoje, pilares e valores que sustentam a sociedade dessa cidade.

Por isso, a igreja permanece firme através dos tempos, como marco de fidelidade e doação de um povo que, apesar das lutas e dificuldades passadas, nunca deixou de acreditar em dias melhores. Dias que não esperavam acontecer como presente do acaso, mas que construíam, como agentes transformadores, sem esperar receber dos outros o que eles mesmos podiam fazer. Por essa razão, ainda hoje falamos deles. Eles construíam pensando nas gerações vindouras. Isso é doação e amor.



Capela do Senhor Bom Jesus 2019 – Janaíba - MG
Fonte: Arquivo da Prefeitura de Janaíba

Assim, na toada da fé dessa gente guerreira, anônima em sua maioria, o povoado nascido às margens do Kuruatuba, se tornou Distrito em 31 de dezembro de 1943, por meio da Lei nº 1.058, com o nome de Gameleira.

GAMELEIRA VIRA FLOR: NASCE JANAÚBA

Gameleira florescia e crescia forte como a árvore que lhe dera nome. Era como um oásis na terra quente e seca da região norte de Minas Gerais. Muita fartura de água



*Vista de Janaúba – Não se sabe o local exato.
Fonte: Acervo do Herval Rangel*

limpa e doce, terra boa para o plantio de vários tipos de lavouras e uma gente simpática e hospitaleira. A presença de fatores como terra boa e água abundante, somados à oferta de trabalhos braçais nas carvoeiras e nas fazendas, viraram atrativos e a notícia se espalhou.

Sempre chegavam famílias de outras regiões para se estabelecerem em Gameleira, de maneira que os gorutubanos natos, passaram a ser minoria. O reforço populacional fazia Gameleira prosperar, a ponto de conseguir viver independente do Município de Brejo das Almas.

Com as uniões das famílias gameleirenses através do casamento, os povos passaram a ser um. Porém, as famílias gorutubanas natas, continuavam mantendo a tradição de casarem entre si para manutenção e fortalecimento de suas tradições e cultura. Assim, a região do antigo Vale do Gorutuba se fortalecia a cada dia mais.



*Praça Dr. Rockert - décadas de 1940 a 1950. Capela do Senhor Bom Jesus ao fundo. À frente, um jogo de futebol no grande espaço marcado como praça.
Fonte: Arquivo da Prefeitura de Janaúba*

Gameleira estava situada em uma posição geográfica bem mais privilegiada do que o município ao qual pertencia, Brejo das Almas (atual Francisco Sá). Além disso, estava localizada a mais de vinte e uma léguas, ou seja, a 130 quilômetros do referido município. Em Gameleiras, havia muita terra, mão de obra barata e água em abundância, além de um centro comercial promissor. Cada dia mais Gameleira se aproximava da sua emancipação para, enfim, tornar-se um município, uma cidade independente, com recursos e autoridades próprias. Só faltava um fator para que o inevitável acontecesse o mais breve possível: a construção da linha férrea, a chegada da estrada de ferro da Central do Brasil/E.F.C.B. Um sonho mais perto do que se imaginava.



*Trem pagador saindo de Janaúba para Monte Azul (rumo à Bahia)
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires*



*Primeira locomotiva a chegar em Janaúba – Nº 1.158 E.F.C.B.
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires*

Com o cenário mundial bastante conturbado devido a 2º guerra mundial, o Brasil também passava por problemas internos como revoltas armadas. Esses problemas fortaleciam a necessidade de ampliar e construir novas vias de comunicação entre as regiões do país, afinal, o país teria uma grande extensão de fronteiras a serem defendidas, o que exigiria rápido deslocamento das Forças Armadas. A segunda fase de construção da malha ferroviária brasileira deveria ser retomada o mais rápido possível. Em 1940, a Ferrovia Central do



Primeira locomotiva a chegar em Janaúba – Nº 1158 E.F.C.B.
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



Construção da rede ferroviária em Janaúba
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

Brasil – FCB, retoma a construção da estrada férrea, partindo da cidade de Montes Claros em direção ao estado da Bahia, concluindo essa estrada na cidade de Monte Azul, onde seria ligada à Ferrovia Leste Brasileira (responsável pela região nordeste). Gameleira fazia parte do projeto e teria sua própria estação da Ferrovia Central do Brasil. Os trabalhadores pararam a construção até 11 de novembro de 1941, quando reiniciaram em direção à Gameleira. No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o distrito de Gameleira figurava ainda como parte do município de Brejo das Almas, atual cidade de Francisco Sá.

No ano de 1943, finalmente chegava a linha férrea em Gameleira, inserindo o distrito em um contexto de transformação e avanço. Com a construção da estrada



Construção da rede ferroviária em Janaúba
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

de ferro em Gameleira, aumentou-se a oferta de trabalho na região, atraindo trabalhadores de toda a parte do país, principalmente do Nordeste, que traziam também suas famílias. Tudo isso acabou acelerando a urbanização do distrito.



Construção da ponte sobre o Rio Gorutuba (Ponte que foi levada pelo rio)
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

O progresso constrói, mas para isso, infelizmente, destrói! No caminho da construção férrea estava a frondosa gameleira, que dava sombras aos viajantes e deu seu nome ao lugar. Inevitavelmente, a gameleira foi derrubada para que o trem do progresso passasse. O aspecto de Gameleira não era mais de um povoado, mas de uma pequena cidade em crescimento. Houve valorização das terras pelas quais a ferrovia passava. Assim, trilhos e ocupação de terras, avançavam no mesmo ritmo, sertão norte-mineiro adentro, expulsando e expropriando famílias que ali se encontravam há décadas. Houve também



Escavação para construção da rede ferroviária em Janaúba
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



"Pontos de trilho" - construção da rede ferroviária em Janaúba
Década de 40 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

os dormentes eram necessários para que o trem viesse até aqui.

Gravados na memória regional, de acordo com informação de Simeão Ribeiro Pires (historiador regional) enquanto labutavam carregando madeira, trilho e cascalho, abrindo picada ou o percurso por onde os trilhos passariam, os gorutubanos cantavam 'vissungos', cantos de trabalho em línguas africanas. Posteriormente, o próprio Simeão Ribeiro registra a presença dos negros 'Gurutubanos' e o comércio na cidade de Janaúba,



Trabalhadores da construção da rede ferroviária em Janaúba
Década de 40 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



Escritório de subsistência da rede ferroviária em Janaúba
Década de 40 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

associado à estrada de ferro: "Quando do prolongamento da antiga estrada de ferro Central do Brasil, em demanda à ligação com a Estrada de Ferro Leste Brasileira, que partia de Brumado (antiga Bom Jesus dos Meiras), eram os 'gurutubanos' (escrito como é pronunciado), por

várias vezes, encontrados na Gameleira (hoje cidade de Janaúba), ao comprarem, principalmente sal e tecidos." A facilidade que a estrada de ferro traria, para o transporte de mercadorias e deslocamento de pessoas, também atraía mais e mais famílias para a terra de



Escavação das bases de sustentação da estrada de ferro, em Janaúba
Década de 40 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



Transporte de escavação da estrada de ferro, em Janaúba
Década de 40 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

Gameleira. Foi no período de construção da Estrada de Ferro Central do Brasil, em 1943, que veio morar em Gameleira, as famílias do Dr. Maurício de Azevedo e do Sr. Moisés Bento Lacerda. Gameleira se tornara um centro comercial onde era fácil escoar grandes quantidades de produtos, pagando pouco, pois estavam ali os cargueiros férreos. As viagens também se tornaram possíveis pois o preço da passagem de trem não era muito alto.



Trem pagador da Central do Brasil, na região norte-mineira, indo para Janaúba - 1947 - Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

Segundo conta o Sr. Donato, a estrada de ferro para os Gorutubanos foi também



Gorutubanos chegando para o trabalho na ferrovia
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

vamos afastando daqui aos pouquinhos, afastando e nenhum de nós vai ficar em nossas terras, outros virão tomar nossas terras, mas isso não é pra mim não, é pra você! E eu ouvia aquelas coisas. Eles tinham muito medo. Para os Gorutubanos não foi motivo de alegria não.”

motivo de preocupação e tristeza: “ - *Eles achavam que, com a abertura da estrada de ferro, viria muita gente de fora pra cá e muita gente que poderia tomar as terras deles. Como foi né? A minha vó ainda falava assim: - Ó meu filho, vai chegar um tempo que nós*



Construção da Estação de trem de Janaúba (à Avenida Brasil)
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

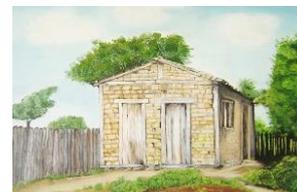
Ainda segundo narrativa publicada do Seu Sula, aparentemente não houve conflitos entre os chegantes e os antigos ocupantes das terras. Seu Sula declarou: “- *Começaro chegando gente branca, alguns comprando posse na mão dos nego. Outros chegava e dizia: - Ah! Vou fazer uma roça aqui. E os gurutubanos dizia: Pode fazer, a mata tá aí à vontade. Então é que encheu isso aqui de gente e o pessoal abriu estrada, fez água, fez rua, pôs canoa pra atravessar o rio.*” (Depoimento de Seu Sula, em 1984).

As casas gorutubanas também, não eram mais construídas de pau a pique, pois as casas de adobe ou alvenaria



Vista da cidade de Janaúba
Década de 60 – Foto: acervo de Herval Rangel

assumiram o lugar. O combate ao barbeiro (trypanossoma cruzi).



Obra: Casa de adobe. De Gilsa Alcântara

transmissor da doença de chagas, levou os gorutubanos a buscarem melhores condições de moradia. Os que não conseguiam construir novas moradias, ficavam à mercê da moléstia, que teve altos índices de infecção nas décadas de 60, 70 e 80 no norte de Minas.

Em 1947, foi concluída e inaugurada oficialmente a estação da Ferrovia Central do Brasil em Gameleira. No largo da Estação, a paisagem rapidamente se modificou! Surgiram um pequeno comércio e uma hospedaria chamada “Hotel Central”, de propriedade do Sr. Clementino. Este teria sido o primeiro estabelecimento do gênero inaugurado em Gameleira. Encheu-se também de casas, o espaço antes vazio entre o antigo núcleo do distrito e a ferrovia. O sr. Belo Mendes, vindo da cidade de Porteirinha, construiu uma caieira e várias casas, prosperando e se tornando fazendeiro, mais tarde. Adelino Rodrigues, vindo da cidade de Monte Azul, fazia comércio como açougueiro e



Hotel Central, Avenida Brasil, próximo à estação de trem
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

instalou um curtume às margens do rio Gorutuba. Com certeza, muitos nomes de pioneiros foram esquecidos com o passar do tempo, acabaram se perdendo no anonimato, como o nome de cada um dos bravos gorutubanos, que desbravaram a região e a transformaram em Gameleira. Mas, sabemos que a história é construída por homens, mulheres, crianças, ricos, pobres e, principalmente, pelas pessoas comuns, anônimas, desde a antiguidade.



A estação original de Janaúba e o trem inaugural do prolongamento da linha até Montes Claros - setembro de 1947 (Ilustração Brasileira, 10/1947).

Gameleiras recebia então, uma das maiores construções do estado, ligando pela linha férrea Gameleiras-MG a Candeias-BA. Além disso, o distrito contava com o apoio de pessoas com grande influência, como o Doutor Demosthenes Rockert (engenheiro da Central) e outros. Era inevitável sua emancipação política, o que aconteceu no dia 27 de dezembro de 1948, pela Lei n.º. 336, de 27-12-1948. Enfim, o Distrito de Gameleiras foi elevado à categoria de Município e desmembrado do município de Francisco Sá, sendo o primeiro intendente o Sr. Álvaro da Silva Lopes.

Mas ainda havia um problema! Os gameleirenses não gostavam muito de o nome da cidade ser Gameleiras.



Tinham o projeto de mudar o nome quando o Distrito fosse emancipado e já tinham um escolhido. Assim como a grande gameleira, havia em abundância na região, um arbusto leitoso, com folhas parecidas com as da couve e que produzia uma lã conhecida como “algodão de seda”. Na linguagem indígena, esse arbusto chama-se Janaúba, “*Calotropis procera*” na linguagem científica e “Algodão de seda” na botânica).



Casas de ferroviários (frente ao pátio da estação) Década de 40 – Acervo de Aldemir de Souza Pires

O nome Janaúba inicialmente foi dado à estação ferroviária, por sugestão do Engenheiro Demosthenes Rockert. Como a planta Janaúba era facilmente encontrada nas estradas e extremamente



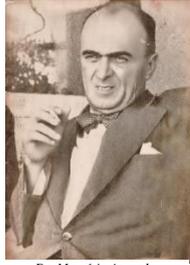
Estação original de Janaúba, c. 1950. Foto da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XXV, 1959



Dr. Maurício Azevedo em conversa 1952 – Foto: acervo de Heloísa

resistente às secas e outras adversidades, não houve dúvida. O novo Município seria registrado com o nome de “Janaúba”, carregando assim, a resistência e a força da planta, sendo oficializado com a criação do município pela Lei n.º. 336, de 27-12-1948. Em 01 de Janeiro de 1949, o Município de Janaúba-MG, foi desmembrado definitivamente, do Município de Francisco Sá. As primeiras eleições municipais

aconteceram ainda em 1948, onde fora eleito, como primeiro prefeito de Janaúba, o Dr.



Dr. Maurício Azevedo
Foto: acervo da família Azevedo

Maurício Azevedo, que governou de 1949 a 1952. O primeiro presidente da Câmara Municipal foi o Sr. Martiniano Coelho, que a presidiu de 1949 a 1951. O primeiro prefeito de Janaúba, Dr. Maurício Azevedo, era casado com Dona Guiomar Salles de Azevedo. Natural da cidade de Sabará, ele nasceu em 12 de Março de 1897, filho de José Antonino de Azevedo e Ana Viana de Azevedo. Formado em Odontologia, profissão que exerceu, teve com Dona Guiomar os filhos: Rômulo Sales de Azevedo (Médico), Maurício Augusto de Azevedo (dentista), Pedro Claudio de Azevedo (Direito), Maria Adelaide Bahia (esposa de Alberto Bahia – fazendeiro) e Angélica Sales Azevedo (Professora). Faleceu em Montes Claros – MG, aos 57 anos de idade, em janeiro de 1954, sendo enterrado em Janaúba, sob grande comoção.

Em 1952, na segunda eleição, houve um acordo entre a situação e a oposição para uma candidatura de consenso. Péricles foi candidato único, assumindo assim o mandato "tampão" de dois anos. Péricles de Oliveira Santos foi então, o segundo prefeito de Janaúba (1953 e 1954), sucedendo o Dr. Maurício de Azevedo (1949 a



Péricles de Oliveira Santos
1953-acervo Pref. de Janaúba

1952). Após novo pleito, assumiu como prefeito o Sr. Maurício Augusto de Azevedo, o Mauricinho (filho do ex-prefeito Dr. Maurício de Azevedo), sendo este o terceiro prefeito de Janaúba, no período de 1953 a 1956.



Maurício Augusto de Azevedo
1955-acervo Pref. de Janaúba

Outros nomes que marcaram essa época foram nomes como o do médico caridoso e humanista, Dr. Rômulo Sales de Azevedo, as primeiras parteiras Dona



Dr. Rômulo Sales de Azevedo
Década de 60 – Acervo de Aldemir de S. Pires

Evita e Dona Maria de Cândido. Os gorutubanos natos Emídio Pereira, Manezinho de Juca e Manoel Rosendo, com seu grande bigode e sua ‘capanga de couro’ à tiracolo, estavam presentes em todas as rodas de bom papo. Destacam-se ainda, açougueiros da época como o



Antônio Lacerda, tinha sítio no bairro Barbosas. Passeava a cavalo na cidade.
Foto - acervo da família

“Açogue do Fulô (à Rua Francisco Sá, próximo a barranca do Gorutuba), os açougues do Torquato e do Juventino, ambos na Avenida Brasil. O cartório de Registros do Sr. Odeton Brandão Cavalcante, ou apenas, Seu Cavalcante.



Praça do Cristo e início da Av. do Comércio - Centro
Década de 60 – Foto: acervo de Herval Rangel



Prefeitura Municipal de Janaúba (Onde é hoje o Banco Itaú)
Década de 50 – Foto: acervo de Herval Rangel

Lembranças também do Seu Mário Alfaiate, com sua alfaiataria “Leão do Norte” e os

ferreiros-carpinteiros José Avelino, Tintino, José Ferreira, Chico Ferreira e Firmino (nas tendas onde construíam carroças). Tinham as costureiras da época, como Dona Maria Pena, Dona Rita Miranda e Dona Francisca Rosa e Silva – mulheres batalhadoras, além de exímias costureiras. Da primeira farmácia do Seu Felinto e a primeira Padaria da Dona Belinha. Do salão de barbeiro do Sr. José Carlos, cortando o cabelo da moçada “à la Príncipe Danilo”, que era a moda da época para cabelos. Dos armazéns abarrotados de milho dos senhores Marcelino Nunes, Virgílio Souza e Silva e Antônio Bemérito de Moraes.



D. Francisca Rosa e Silva
Costureira - acervo da família

E o antigo Mercado Municipal, onde hoje se encontra o Banco do Nordeste? Quem não se lembra do som dos pandeiros que ritmavam as compras nas bancas do Tota, com



Idosa na bicicleta, em frente à Praça Dr. Rockert - acervo da família

frutas e verduras, do Sr. Joaquim Rio-Grandense com seus rolos de fumo, da Dona Ilca Durães e seus artesanatos e café quentinho? Do leite comprado nas leiteiras das mãos de Seu Bento e Dona Ló (Rua Francisco Sá), Pastor Alaído e Dona Orminda (Praça Péricles) ou na casa do Mirim e Luciene (Avenida Brasil)? Os meninos da época, de calça curta, hão de lembrar! O primeiro posto de gasolina da cidade, era bandeira da ESSO e ficava na Praça Dr. Rockert, com a bomba de gasolina graduada e manual do Sr. Lindolfo Braga.



Posto de gasolina, em frente à Praça Dr. Rockert
Década de 1950 – Acervo de Heloísa Cruz

Ainda haviam os cinemas (Cine Janaúba e Cine Virgínia), os bailes com bandas como “Os tropicais”, “Os gurus” e “Os Corujas”, animando os jovens. São inesquecíveis as sessões de cinema aos domingos quando eram exibidos filmes nacionais com Oscarito e Grande Otelo. Foi uma inovação o cinema, que foi trazido pelo Herval Rangel e seu grande amigo e sócio no cinema, Benjamim Oliveira Martins, o “Beijinha”. Muitos outros nomes poderiam ser citados, mas a memória de quem lê e viveu a época, há de lembrar!



Show Musical “Os tropicais”
Década de 1960 – Acervo Prefeitura
No cinema, à Av. Brasil (atual centro de distribuição dos Correios)



Cine Janaúba (em frente à Praça Dr. Rockert)
Década de 1960 – Acervo de Herval Rangel



Festa do Senhor Bom Jesus na Praça Dr. Rockert
Década de 1960 – Acervo da Pref. Janaúba



Conjunto Musical “Os Corujas”
Década de 1960 – Acervo Giovanni Fagundes



Conjunto Musical “Os tropicais”
Década de 1960 – Acervo Luiz Carlos de Oliveira

JANAÚBA, CIDADE PREDESTINADA A CRESCER



Janaúba, nome de origem indígena, significa planta leitosa, também conhecida como Algodão de Seda, vegetal da família das apocináceas, dicotiledônia, monopétala, abundante na região. Bonito nome e carregado de significados para



Vista da cidade de Janaúba
Década de 60 – Foto: acervo de Herval Rangel

uma planta tão simples. Essa planta que nasce e cresce, a despeito do clima, solo e da falta de água, mostrava que como ela, nada impediria a cidade de Janaúba de se desenvolver.

A história do município e de seu desenvolvimento não é fruto do acaso! A força que nos impulsiona vem de tão privilegiada localização geográfica, do pioneirismo gorutubano e da capacidade empreendedora de seus habitantes, ao longo de sucessivas gerações. Janaúba está localizada na mesorregião do Norte de Minas Gerais, na área mineira do semiárido brasileiro e na microrregião da Serra Geral de Minas, da qual é a cidade polo.



Casas de ferroviários (em frente ao pátio da estação)
Década de 40 – Acervo de Aldemir de Souza Pires

Do antigo “Vale do Gorutuba”, onde a história de Janaúba começou, muitos gorutubanos pioneiros já havia morrido, mas seus filhos, netos e bisnetos mantinham as terras e a tradição do povo. Assim, os nascidos no vale e seus descendentes são conhecidos como “gorutubanos”. Já as famílias que chegaram de outros lugares e os nascidos na, agora, cidade de Janaúba, são chamados de “janaubenses”. Com o passar dos anos, o número de gorutubanos natos era bem menor, mas mesmo assim, a tradição gorutubana seguia viva na cidade de Janaúba.



Dança Gorutubana, 1979 – Acervo de Heloísa Cruz

Após a inauguração da Capela do Bom Jesus, em 1939, a cidade cresceu muito na área espiritual e o Catolicismo Romano seguiu sendo a religião da maioria dos gorutubanos e janaubenses. Como resultado desse crescimento, o Sr. Bispo Diocesano de Montes Claros, D. Luiz Vitor Sartori criaria a Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, que teve como vigário o Cônego Agostinho, tomando posse



Capela do Senhor Bom Jesus, 2019



Construções da Catedral Sagrado Coração de Jesus
Década de 60 – Acervo de Herval Rangel



D. Luiz Vitor Sartori

oficial no dia 06 de janeiro de 1954. Assim, a Capela foi desmembrada da antiga Paróquia de São José de Gortuba. Com a inauguração do novo templo, a Capela de Bom Jesus passou a ser utilizada apenas para a realização de velórios. O Cônego Luiz Gonzaga Passos sucedeu o Cônego Agostinho e, depois dele, veio o Padre José Antista que continuou por décadas, à frente do rebanho.



Padre José Antista
Acervo da Diocese de Janaúba

A Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, com o Padre José



Catedral Sagrado Coração de Jesus - Acervo da Diocese de Janaúba

Antista (Matriz no centro da cidade) tem igrejas organizadas nos seguintes bairros: Nossa Senhora do Rosário (B. Gameleira), São José do Operário (Padre Eustáquio), São Francisco de Assis (Veredas), Santa Rita (Barbosas), Nossa Senhora das Graças (Nova

Porteirinha), Jacarezinho, Vila Nova dos Poções e Barreiro do Rio Verde. Outras igrejas católicas foram organizadas com a instalação da Paróquia Nossa Senhora Aparecida (Matriz no Bairro Esplanada), no dia 12 de outubro de 1988,



Paróquia Nossa Sra. Aparecida - Acervo da Diocese de Janaúba

nos seguintes bairros: Santa Cruz, Santo Antônio, Nossa Senhora de Fátima (Vila Isaías) Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Dente Grande), Senhor do Bonfim (Barreiro da



D. José Mauro P. Bastos
Acervo da Diocese de Janaúba

Raiz), Quem-quem e Barroquinha. Em 05 de julho do ano 2000, foi criada então a Diocese de Janaúba, que é uma circunscrição eclesiástica da Igreja Católica Apostólica Romana, composta por 24 cidades. A Igreja Sagrado Coração de Jesus passou a ser Catedral Sagrado Coração de Jesus e o 1º Bispo ordenado foi o Dom José Mauro Pereira Bastos, que aqui ficou do ano 2000 até 2006. Após a sua saída, outros 03 (três)

Bispos o sucederam, estando atualmente o 4º Bispo, Dom Roberto José da Silva, desde 2019, à frente da Diocese de Janaúba.

Outras religiões também tiveram espaço na cidade, que se mostrou tolerante e respeitosa ao direito religioso de seus cidadãos. As igrejas que chegaram há mais tempo



Primeira Igreja Batista de Janaúba, década de 1960
Acervo da 1ª Igreja Batista de Janaúba

na cidade são: 1ª Igreja Batista em Janaúba, organizada em 01 de Maio de 1957, com templo histórico construído à Rua Barão do Gortuba, 19, centro. Igreja Presbiteriana, organizada em 02 de Julho de 1959, com templo construído na Avenida Brasil, 527, Centro. Igreja Evangélica

Assembléia de Deus, organizada na década de 1960, localizada na Rua Afonso Pena, 954, São Gonçalo. Congregação Cristã do Brasil, organizada em 1967, com templo construído à Rua São João da Ponte, sem número, centro. Com o decorrer dos anos outras igrejas como Avivamento Bíblico, Reavivamento Pentecostal, Adventistas do Sétimo Dia, Deus é Amor, Evangelho Quadrangular, Assembléia de Deus/ Ministério Madureira e outras religiões como Espírita, Testemunhas de Jeová, Universal do Reino de Deus, Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e outras organizações religiosas, chegaram à Janaúba. Janaúba mostra que respeita o direito ao culto e à liberdade religiosa.



Culto em praça pública, 1973
Acervo da 1ª Igreja Batista

Alguns anos após a inauguração da Capela do Bom Jesus, foi criada a primeira escola, denominada “Escolas Reunidas Francisco Sá”, que funcionava em uma construção em frente à Praça Dr. Rockert, no mesmo espaço onde funcionou por anos a antiga COBAL, e que atualmente funciona o “Supermercado Amigo”. Em 1951 foi criado o Grupo Escolar Euclides da Cunha, construído onde hoje se localiza a Praça da Catedral.



Escolas Reunidas Francisco Sá. – Profª Lilia Gonzaga
Fonte: Arquivo da Prefeitura de Janaúba

A estrada de ferro da Ferrovia Central do Brasil trouxe prosperidade e crescimento à Janaúba. Toda a estrada foi aberta com trabalho braçal, sendo a ferrovia, meio de sustento para inúmeras famílias por muitos anos. Uma bonita estação de trem colocava a cidade como ponto de referência no país.



Casa da Central do Brasil (hoje Praça Viva Vida)
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

que foram construídas nesse período (com exceção da estação de Montes Claros e Monte Azul). Tinha um porte maior, espaço amplo, mostrando que os engenheiros da ferrovia já supunham que a cidade se tornaria maior do que as outras e viria a ser um centro

A estação de Janaúba era diferente das demais



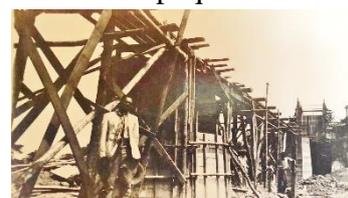
Estação original de Janaúba, c. 1950. Foto da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, vol. XXV, 1959



Trabalhadores da Central, construindo a linha férrea em Janaúba
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

comercial forte. Era como se a estação estivesse ali dizendo que, no futuro, essa cidade tão pequenina seria uma das maiores da região, passando em número de habitantes e infraestrutura, cidades vizinhas centenárias. É como se os engenheiros soubessem, de alguma forma, que a

comercial forte. Era como se a estação estivesse ali dizendo que, no futuro, essa cidade tão pequenina seria uma das maiores da região, passando em número de habitantes e infraestrutura, cidades vizinhas centenárias. É



Bases da ponte ferroviária de concreto que o rio levou
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

cidade não dependeria só da ferrovia, mas que seria porta de entrada para grandes projetos de irrigação no vale do Gorutuba.

Com a conclusão da estrada de ferro na região, muitos dos moradores que vieram



Escritório da Central (atual Supermercado Amigo), em frente à Praça Dr. Rockert. Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Pires

para trabalhar na construção, buscaram novas formas de sobrevivência. Para não irem embora, muitos foram para o



Interior do trem de passageiros

trabalho braçal na lavoura, abriram pequenos comércios ou passaram a trabalhar na estação de trem vendendo e atendendo no trem de passageiros. Conforme o tempo passava, outras formas de trabalho eram apresentadas ao povo de Janaúba.



Trem de passageiros em Janaúba – MG – 1996
Foto: Tarcísio de Sousa. Ao fundo, a caixa d'água da Central, agora RFFSA.

Outras construções seguíam sendo erguidas em Janaúba. A primeira ponte férrea sobre o Rio Gorutuba era de concreto. Mas ela não resistiu às fortes cheias do rio e com as águas fortes investindo contra os pilares, acabou desabando. Uma ponte de ferro foi construída no lugar e resiste até os dias de hoje.



Construção de uma pinguela sobre o Rio Gorutuba
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



Pinguela sobre o Rio Gorutuba
Foto: acervo de Aldemir de Souza



Construção da ponte sobre o Rio Gorutuba (Ponte que foi levada pelo rio)
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



Ponte ferroviária de concreto que foi levada pelo Rio Gorutuba
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires



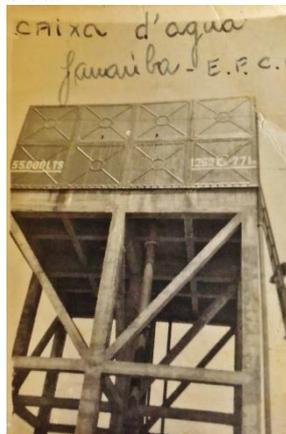
Ponte de ferro sobre o Rio Gorutuba, substituiu a que o rio levou. Foto: acervo blog "Onde o vento me leva"



Ponte de ferro sobre o Rio Gorutuba, substituiu a que o rio levou. Foto: acervo blog "Onde o vento me leva"



Construção da ponte sobre o Rio Gorutuba (Ponte de concreto que foi levada pelo rio)
Década de 40 – Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

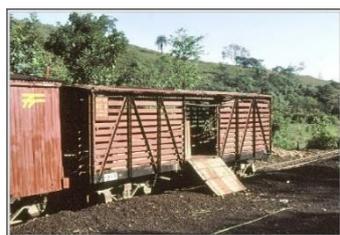


Caixa d'água que abastecia as casas dos ferroviários e alojamentos na estação. Ficava no grande espaço entre os trilhos, ao fundo do Espaço Cultural.
Foto: acervo de Aldemir de Souza Pires

Era comum na cidade, os compradores de gado, que vinham para negociar, comprando bois e vacas em toda a região. Esse rebanho, era então exposto em um imenso curral, que fora instalado próximo à ponte férrea sobre o rio Gorutuba, nos limites da cidade. Era um enorme curral, todo feito de trilhos, com cancelas para trancafiar o gado em diferentes setores. Após escolhidos, o rebanho era colocado em cargueiros férreos, adaptados para o transporte animal. Daí, seguiam ao destino, de acordo com o



Levando o gado para beber água no Rio Gorutuba (ao fundo, Escola M. Américo Soares (Bairro Barbosas) 1981. Foto: Adeilson Leal



*Vagão da RFFSA para transporte de gado
Foto: Internet*

que o comprador negociava. Assim, quase todos os dias, grandes boiadas desfilavam, literalmente, dentro da cidade. Quando isso acontecia, os moradores fechavam as portas e espiavam pelas janelas a boiada passar. As crianças tinham muito medo, principalmente, da tal “vaca tapada”, que era vendada nos olhos e ficava muito agitada com o barulho.



Marco de captação no Vale do Rio Gorutuba, Construção da Barragem – 1976 - Foto: DIG

Outra forma de trabalho encontrada, após diminuírem as funções na construção da estrada de ferro, foi a venda de areia do rio Gorutuba. Infelizmente, naquela época, as leis ambientais não eram tão sérias e o pouco conhecimento sobre os impactos da atividade de extração da areia no rio, levou essa atividade a ser uma fonte econômica importante. A extração de areia lavada, no norte de Minas Gerais, provém principalmente da região de Janaúba (Rio Gorutuba) e do Rio São



*Praia do “Copo Sujo” - Rio Gorutuba
Década de 70 - Foto: Heloisa Cruz*



*Margem do Rio Gorutuba – Bico da Pedra,
Década de 60 - Foto: acervo Herval Rangel*

Francisco. O rio Gorutuba potencializa a formação de areia quartzosa, bastante branca e límpida, normalmente aproveitada para a construção civil e de blocos de concreto — blocos estes que foram a base da pavimentação da cidade de Janaúba em meados da década de 1970 e ainda se vê no município até os dias atuais.

As classes menos favorecidas tinham nessa atividade, a única fonte de sustento das famílias. A movimentação de caminhões às margens do rio era intensa, tanto de dia quanto à noite. Caminhões e carros vinham de várias partes da região, em busca das alvas e finas areias do Gorutuba, que seriam utilizadas em todos os tipos de construções. Como

o rio enchia nas chuvas anuais, as águas traziam mais areia, mas os danos ambientais continuavam se agravando dia a dia. E apesar de todo esse dano ambiental, os janaubenses não recebiam pela venda da areia pois, os caminhoneiros os pagavam apenas pelo trabalho de carregar os caminhões. Poucos se beneficiavam financeiramente com esse crime ambiental e as belas dunas de areia clara e fina, cenário para fins de semana de bate-papo e fotos com os amigos, foram destruídas de modo progressivo.



Na areia do Gorutuba: Dilma Marques, Joel e Isaete Pereira Década de 60 - Foto: acervo da Dilma

Após a construção da Barragem do Bico da Pedra em 1979, as areias não desciam mais com as chuvas, pois a água foi represada. A atividade de extração da areia diminuiu, mas não acabou. Dragas passaram a ser utilizadas, entretanto, a fiscalização ambiental passou a ser mais severa, diminuindo bastante a quantidade de caminhões. A mata ciliar do Gorutuba também foi agredida e as consequências foram terríveis ao rio que trouxe vida à Janaúba.

Na década de 1960, a cidade já possuía energia elétrica, produzida por um conjunto de gerador a diesel, localizado na Avenida do Comércio. O motor era ligado ao anoitecer e desligado todos os dias às vinte e duas horas. Somente no ano de 1975, a cidade foi conectada à rede de energia do todo país, na gestão do prefeito Adelino Pereira Dias.



Escavação no Vale do Gorutuba.. Construção da Barragem - 1976 - Foto: DIG



Vista de casas centrais de Janaúba Década de 60 - Foto: acervo Herval Rangel

A água encanada estava disponível para algumas casas, sendo retirada de um poço perfurado no centro de onde hoje se localiza a Praça Dr. Rockert. No entanto, a maior parte da população se abastecia no Rio Gorutuba. Ainda na década de 1960, foram iniciadas obras de perfuração de poços tubulares e instalação de cata-ventos para o abastecimento de água da população. Estas intervenções foram realizadas pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), como

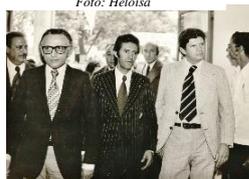


Inauguração da Subestação de Energia Elétrica. Pref. Adelino Av. Manoel Athayde. 1975. Foto: Heloisa Cruz

Ainda na década de 1960, foram iniciadas obras de perfuração de poços tubulares e instalação de cata-ventos para o abastecimento de água da população. Estas intervenções foram realizadas pelo DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas), como



Inauguração do BEMGE - 1975 Gov. Rondon Pacheco, Pref. Adelino e Antônio Dias (fundador do Frigodias) Foto: Heloisa



Inauguração da Caixa Econômica Gov. Francellino, Pref. Adelino e Humberto Souto. Década de 70. Foto: Heloisa Cruz

determinação do então presidente Juscelino Kubitschek.



Pronunciamento do Pref. Adelino, em frente à Prefeitura de Janaúba, ao lado, jornalista Raimundo Brandão - 1970

No ano de 1966, foi inaugurada a Praça Dr. Rockert, em homenagem ao engenheiro chefe da obra de construção do trecho da estrada de ferro que ligava Rio de Janeiro à



Cine Janaúba (atual Supermercado Amigo)
Praça Dr. Rockert
Década de 70. Foto: Dagmar C. Barbosa

Bahia, passando por Janaúba. A obra foi realizada na gestão do prefeito



Conclusão do calçamento e paisagismo na Praça Dr. Rockert
Década de 70. Foto: Heloisa Cruz

Eduardo Pereira Nogueira. Segundo moradores antigos, na década de 1960, o espaço onde atualmente se localiza a Praça, contava com meio fio delimitando as vias de entorno e revestimento em grama

ao longo do largo, além da abertura para retirada de água de um poço que possuía sua caixa de armazenamento no local onde atualmente se localiza a Prefeitura Municipal. Naquela época, o largo era utilizado como ponto de encontro principalmente à noite, após as sessões de cinema, que se localizava em frente à praça.

Na década de 70, o algodão chegou destruindo aquela diversidade de culturas de subsistência, e economicamente intervindo na produção da cidade. A partir de 1970, o algodão



chegou a ser denominado de ouro branco na região, tendo a cidade de Porteirinha como a grande capital mineira



do algodão. Agricultores de Janaúba também investiram no plantio de algodão, mas grande parte dos gorutubanos não entraram nesse processo. Segundo depoimento do Sr. Mariano,



Colheita de algodão / Anita Malfatti

ou Gado Velhaco: *“O algodão chegou de pouco tempo pra cá, aqui era poucos que plantava algodão, o povinho mais fraco não gostava de plantar algodão, gostava mais de ter as coisa pra manter, criava porco, o povo criava muito aqui de primeiro, também cabra, criava demais. Porco criava era solto aí no tempo, depois que não podia criar foi que... até hoje eu crio, sabe, até hoje eu crio uns porquinho, mas fechado, fechado no chiqueiro. Nós cria preso por causa do lugar, foi apertando e não tem jeito uai, se plantar, soltar aí eles come as roça do povo...”* Nas décadas de 1980 e 90, a cultura do algodão se constituiu em monocultivo praticado intensivamente por centenas de agricultores familiares, estimulados pelos preços do produto e pelas facilidades oferecidas



Carregamento de algodão para transporte - Janaúba
Década de 60. Foto:

pelos programas governamentais. Como Janaúba tinha uma estação ferroviária, o escoamento da produção de algodão também passava pela ferrovia. A ferrovia transportava a produção de algodão da região de Janaúba, Porteirinha e Espinosa para as indústrias têxteis e de



*Escritório para negociação da venda de algodão – Janaúba - Década de 50
(Local onde hoje está o Centro Cultural Marly Sarney). Foto: Aldemir S. Pires*

beneficiamento de algodão localizadas em Montes Claros, Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro. Porém, em 1992, a crise gerada pela entrada do bicudo e pelos baixos preços pagos pelo algodão obrigou a uma drástica diminuição do seu plantio.



Carvoeira no Norte de Minas. Foto: Carlos Roberto/ Arquivo Hoje em Dia

Outro setor que Janaúba tinha como fonte de economia foi o carvoeiro. Quem nunca ouviu contar das carvoarias e seu trabalho insalubre, que usava até mão de obra infantil? Não era só a



*Moradia de trabalhadores braçais da ferrovia
Década de 70 - Foto: Heloisa Cruz*

saúde dos trabalhadores que sofreram nas carvoarias. A



*Desmatamento para construção da barragem
Janaúba - MG - 1961 - Foto: DIG*

degradação ambiental na região é constatada pelo fato do carvoejamento ter sido a principal atividade econômica do setor rural das últimas décadas do século XX. Este processo trouxe sérias consequências socioeconômicas e ambientais notáveis até os dias de hoje. O desmatamento, para retirada de madeiras na construção da ferrovia, a tradição agropecuária e o corte

de árvores para produção do carvão vegetal, deixou o município e regiões adjacentes, em um grave processo de desertificação.



*Prefeito Adélino: assinatura para concessão
da energia elétrica. 1975. Foto: Heloisa Cruz*

O município de Janaúba crescia em espaço territorial e influência política. Pela Lei Estadual nº 6769, de 13-05-1976, foram criados os distritos de Barreiro da Raiz e Quem-Quem e anexados ao município de Janaúba. Em divisão territorial datada de 1-I-1979, o município é constituído do distrito sede. Pela Lei Estadual nº 8285, de 08-10-1982, foram criados os distritos de Barreiros do Rio Verde (ex-povoado) e Vila Nova dos Poções, anexando-os ao município de Janaúba. Em divisão territorial datada de 1-VII-1983, o município é constituído de 05 distritos: Janaúba, Barreiro da Raiz, Barreiro do Rio Verde, Quem-Quem e Vila Nova dos

Poções. Em 1995, Barreiro do Rio Verde passou a fazer parte da cidade de Verdelândia pela Lei Estadual nº12030, de 22 de dezembro de 1995.



Gov. Francelino Pereira inaugura a MG122 - 1982.
Foto: Heloisa Cruz

Em 1982, foi inaugurada a rodovia que ligava Janaúba ao desenvolvimento. A MG-122, foi inaugurada pelo governador



Gov. Francelino Pereira inaugura a MG122 - 1982.
Foto: Heloisa Cruz

Francelino Pereira, ligando Janaúba ao sul à região de Montes Claros e a Belo Horizonte; ao norte, ligando Janaúba a Espinosa e região do Sudoeste da Bahia. Um sonho do povo de Janaúba e de todo norte-mineiro, enfim realizado após muita espera, permitindo viagens de ônibus, carro e caminhão com maior segurança.

Parte da história da cidade e grande atração em Janaúba, organizada pelo Sindicato Rural de Janaúba, tem sido a exposição agropecuária. O Sindicato Rural de Janaúba está ativo na cidade desde 1967, contribuindo fortemente para o crescimento de Janaúba,



Exposição agropecuária - 1970 - Recepção de autoridades - Campo de Aviação
Foto: Heloisa Cruz

colocando-a no circuito das maiores exposições agropecuárias do Brasil. A “EXPOJAN” como ficou conhecida a festa do agronegócio da cidade, era realizada, inicialmente, de quatro em quatro anos. Uma atração para toda a região do norte de



Exposição agropecuária - Palco do Parque de Exposições de Janaúba - Tancredo Neves
Foto: Heloisa Cruz

Minas, com presença de autoridades políticas, artistas e parque de diversões. Nos primeiros anos, os visitantes acompanhavam ansiosos a exposição de cavalos e gado, bem



EXPOJAN de 1970 Parque de Exposições de Janaúba
Foto: Heloisa Cruz

como acompanhavam a eleição da rainha da exposição, com desfile de moças de Janaúba e cidades vizinhas. À tarde, era momento de acompanhar os saltos de paraquedas que coloriam o céu e encantava adultos e crianças. Os shows e brinquedos eram concorridos e animados e a exposição de produtos regionais ainda atrai olhares até os dias de hoje.



3ª EXPOJAN de 1970
Waldir Nunes, Seu Lero e D. Nair



3ª EXPOJAN de 1970 Parque de Exposições de Janaúba
Foto: Heloisa Cruz



3ª EXPOJAN de 1970 Recepcionistas
Foto: Heloisa Cruz



Exposição agropecuária - Reinaldo Viana, Tancredo Neves e Sr. Izaias
Foto: Heloisa Cruz



Recepcionistas - 1ª Exposição de Janaúba: Vera Ramires, Lourdinha, Lisa Viana Bronzon, Maria Guiomar Azevedo Bahia e Vânia Massula Nunes

JANAÚBA RECEBE UM HOMEM INOVADOR

Herval Rangel nasceu em 01 de janeiro de 1928 em Ribeirão Vermelho - MG, e veio para Janaúba como funcionário do IBGE. Aqui constituiu família, casando-se com Nini, filha do Seu Astrogildo e Maria



Sede da COTEJAN – Década de 60 (Av. Brasil, ao lado da Câmara Municipal -Foto: Herval Rangel

Pena. No final da década de 1960, instalou-se em Janaúba a Companhia Telefônica de Janaúba (COTEJAN). A



Foto: Herval Rangel

COTEJAN (que funcionava no prédio onde hoje está o CESEC Padre Cleto Altoé à Av. Brasil) era comandada pelo Sr. Herval da Silva Rangel.

Ele não foi somente o Chefe da COTEJAN, mas um nome importante para o desenvolvimento sociocultural de Janaúba nos anos 60,70 e 80. O idealista Herval Rangel se



Jornalista Elias Stiff – Inauguração do Automóvel Clube 1968 - Foto: Herval Rangel

dedicou não apenas à COTEJAN, mas buscou inovar na cidade a



Trecho sobre Herval Rangel – Jornal "O Gorutuba" – Bicalho Brandão - Foto: Biblioteca Pública Municipal

arte visual e novas formas de comunicação. Por iniciativa do Sr. Herval Rangel, a pequena cidade foi contemplada com o

cinema, a telefonia (formou TELEJAN – Companhia

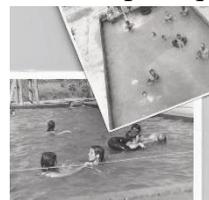


Torre com TV – Criação de Herval Rangel Foto: Postal da década de 80



Recanto - clube de Herval Rangel Foto: Herval Rangel

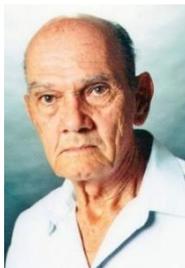
Telefônica de Janaúba) e também a recepção do sinal de áudio e imagem de televisão. Conta-se que durante a final da Copa do Mundo de Futebol, em 1970, o Sr. Herval instalou uma TV na serra que hoje recebe as torres de transmissão, para que o povo da cidade, que não tinha o aparelho



Piscina no Recanto – clube do Herval Foto: Herval Rangel

televisor, pudesse acompanhar o jogo do Brasil. Ele também instalou um aparelho televisor na antiga Praça do Mercado, hoje, conhecida como a Praça do Banco Nordeste.

Herval Rangel também era amante da natureza gorutubana e via no rio Gorutuba,



Herval Rangel 1928-2010

potencial turístico e também de lazer consciente da população. Assim, idealizou o primeiro clube da cidade, o clube “Recanto”, projetando piscina, quadras de areia e, sendo o mesmo, fundador do Caiçara Clube. Com tanto conhecimento e buscando inovar a cidade, o Sr.



Recanto - clube do Herval Foto: Herval Rangel

Herval Rangel teve importante participação no fortalecimento da economia deste

município nas décadas que aqui morou. Morreu no dia 03 de junho de 2010 em Belo Horizonte. Herval Rangel recebeu o título de Cidadão Honorário de Janaúba, ainda na década de 1980, mas seu nome está escrito na história da cidade.

O PROGRESSO NAS ÁGUAS DO GORUTUBA

O Rio Gorutuba se mantinha como principal condutor do progresso na cidade de Janaúba. Sabemos que onde há água, há vida e o rio transbordava vida por onde passava. Mas, nos períodos de seca, o medo de ficar sem água para consumo próprio e de perder lavouras e rebanhos, assolava a população de



Vista de Janaúba e o Rio Gorutuba (antigo Poço Serapião) - 1960
Foto: Heloisa Cruz

Janaúba. Então, no ano de 1969, após vários estudos na bacia hidrográfica do Rio Gorutuba, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca - DNOCS e a Secretaria de



Vista de Janaúba - Década de 60
Foto: Heloisa Cruz

Estado da Agricultura de Minas Gerais, decidiram construir a Barragem do Bico da Pedra. Com o objetivo de acumular água através de reservatório e, conseqüentemente, a implantação de um perímetro de irrigação que trouxesse desenvolvimento para a região, o projeto foi iniciado. Em 1972, foi feita a

desapropriação de uma área de 740 hectares, mediante Decreto nº 71.179/72, em que se implantou durante o período de 1975 a 1977, um projeto experimental, conhecido como “Área dos 740 ha”, com assentamento de 15 irrigantes, selecionados pelo DNOCS, para o plantio de algodão.



Escavação para construção da barragem
Janaúba - MG - 1978 - Foto: DIG



Escavação para construção da barragem
Janaúba - MG - 1978 - Foto: DIG

Algum tempo depois, através de um Decreto de desapropriação nº 83.187/79, foram desapropriados 10.700 hectares a fim de ceder espaço para a implantação do reservatório de água e o Perímetro de Irrigação na margem direita do rio Gorutuba. A barragem do “Bico da Pedra” foi construída sob a responsabilidade da

CODEVASF, através da empresa de engenharia - Construtora Gutierrez S.A, e encontra-

se localizada no vale do Rio Gorutuba, abrangendo os municípios de Janaúba, Porteirinha e Nova Porteirinha.

Localizada a seis quilômetros do centro de Janaúba, a barragem Bico da Pedra possibilitou a criação do Projeto de Irrigação do Gorutuba, um dos bem mais estruturados projetos de irrigação do país, ocupado, principalmente por grãos e frutas, especialmente a bananicultura. Desde 1993, a barragem é administrada pelo Distrito de Irrigação do Gorutuba–DIG, responsável pela fiscalização, manutenção e segurança no empreendimento.



Lago e vale da barragem
Janaúba - MG - 1979 - Foto: DIG



Sangrador da barragem
Janaúba - MG - 1979 - Foto: DIG

Além de minimizar a pobreza e o êxodo rural na região do Vale do Gorutuba, o lago formado pela barragem do “Bico da Pedra” proporcionou a perenização do Rio Gorutuba, uma vez que antes da implantação do empreendimento o rio secava durante a estiagem, nos meses das estações de inverno e outono.

O aumento considerável de empreendimentos agrícolas no perímetro de irrigação do Gorutuba, além do crescimento populacional dos municípios de Janaúba e Nova Porteirinha, que são abastecidos pela represa, tem provocado redução do nível de água no reservatório, notadamente no período de estiagem. Quando a barragem foi construída em 1979, a população de Janaúba era de 30.587



Sangrador da barragem
Janaúba - MG - 1979 - Foto: DIG



Sangrador da barragem
Janaúba - MG - 1979 - Foto: DIG

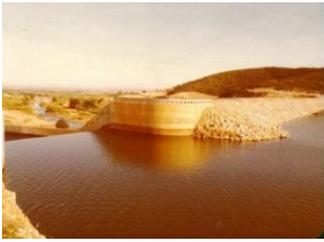
habitantes, e, em 2014, essa população chegou a 70.472 habitantes. Já o município de Nova Porteirinha tinha uma população de 6.114 habitantes, em 1979, e 7.398 habitantes, em 2014, conforme estimativas do IBGE.

O crescimento populacional e aumento das plantações irrigadas, são problemas que necessitam de maior planejamento, para que não falte água no município nos períodos de estiagem. Vários programas de conscientização quanto ao desperdício de água têm sido feitos ao longo dos anos, mas ainda há muito trabalho para que haja consciência ambiental a todos que utilizam o nosso bem mais precioso.



Sangrador da barragem
Janaúba - MG - 2007 - Foto: DIG

A construção da Barragem do Bico da Pedra foi concluída em 1978 e foi comemorada por toda a região. Seu reservatório de água serve para exploração e irrigação de áreas do Projeto Gorutuba, com aproximadamente 5.500 hectares, além de abastecimento de água para a cidade, lazer, irrigação e para uso do rio pelas lavadeiras, que o utilizam como fonte de sustento. É a maior barragem do gênero, atualmente, no norte de Minas.



Sangrador da barragem
Janaúba - MG - 1979 - Foto: DIG



Vista do vale Barragem
Janaúba - MG - 1979 - Foto: DIG



Vista do vale Barragem
Janaúba - MG - 1978 - Foto: DIG



Meu pai, David Gonçalves, acompanhando
a construção da Barragem - 1978
Janaúba - MG - Foto: Lítian Claudine



Vista do lago Barragem
Janaúba - MG - Foto: DIG



Foto de satélite da Barragem
Janaúba - MG - Foto: DIG



Vista do lago Barragem 2007
Janaúba - MG - Foto: DIG

AS LAVADEIRAS DO GORUTUBA

Outro retrato da cultura gorutubana ainda podemos ver, nos dias de sol, no rio Gorutuba. É como se viajássemos através do tempo ou contemplássemos a famosa tela de Cândido Portinari chamada “Lavadeiras”, de 1937. A cena é formada pela falta de emprego e o esforço para melhorar de situação. Composta por dezenas de mulheres com água à cintura, sacudindo peças coloridas sobre tanques improvisados, a cena revela uma vida difícil para muitas delas, diante da escassez de recursos ou outro trabalho de maior remuneração. Muitas delas são arrimo de família e não podem esmorecer. Mas, o labor debaixo de forte sol é recompensado pela paisagem ao redor.



Lavadeiras no rio Gorutuba,
Foto: Giovanni Fagundes



Lavadeiras, Portinari, 1937

O trabalho das lavadeiras é conhecido mais de perto, desde a década de 1930, mas sabemos que desde o Vale do Gorutuba, no século XVIII, já seria uma prática. Gerações preservam o costume de usar a água limpa, a poucos metros do asfalto, agora misturando um hábito dos tempos em que a cidade ainda não contava com água encanada, aos dias de hoje, onde a tecnologia da



Lavadeiras no rio Gorutuba, 2015
Foto: Elza Cohen, especial para "Eu Vejo Beleza".

Internet nos conecta ao mundo todo. O rio Gorutuba teve grande influência como fornecedor de água para todas as atividades da população e a tradição das lavadeiras persistiu através do tempo. Hoje, além da preocupação de



Lavadeiras no rio Gorutuba, 2015
Foto: Elza Cohen, especial para "Eu Vejo Beleza".

manter a fonte de sustento, as lavadeiras convivem com o medo do futuro. O medo de perder as águas limpas, o medo da contaminação do



Lavadeiras no rio Gorutuba,
Foto: Luiz Carlos de Oliveira

rio. Porém, é uma cena linda de se contemplar, que nos leva à uma viagem interior, diante do belo encontro do moderno com a tradição dos antepassados.

A HISTÓRIA DA CIDADE SE CONFUNDE COM A HISTÓRIA DO MERCADO MUNICIPAL



Acervo da Prefeitura de Janaúba – Mercado Municipal – Década de 60

A praça do Banco Nordeste, na área central de Janaúba, é bem diferente, mas ainda é chamada pelos mais antigos de “Praça do Mercado”. Por muito tempo ali era o ponto de encontro, não apenas aos sábados, mas quase diário, de uma boa gente. O prédio em tom amarelado do Mercado Municipal representava uma sinfonia de sabores, cheiros, sons e cores. E a diversidade não era apenas nas bancas, mas nos rostos, vozes e bolsos. Ali, todos se misturavam em troca de boas prosas,



Fechamento do Mercado Municipal – 1984 – Foto: Heloísa Cruz

alimentos para a culinária local e, é claro, compra e venda de produtos variados. Era esse

o local de comercialização de produtos rurais voltados para consumo da cidade, lugar onde eram oferecidos os frutos da chamada “agricultura familiar”.



Esquina do Mercado Municipal – Década de 80 – Foto:

O mercado sempre abria cedinho e era comum ver os filhos acompanhando os pais, nessa vida árdua de feirante e comerciante de mercados municipais. Com certeza, muitos filhos cresceram e aprenderam a tradição de vender no mercado, passando o amor a esse labor para várias gerações. No mercado, era vendido de tudo um pouco, como por exemplo: queijos, requeijão, rapadura, carnes bovinas e suínas, peixes, frangos caipiras, feijão catador e verde, andu, arroz, farinhas, temperos, frutas, folhas, legumes, réstias de alho, o tradicional prato feito, fumo em rolo, rapé, cachaça, jurubeba, licores e raízes e etc.



Fundos do Mercado Municipal – Década de 60 – Foto: Heloísa Cruz

“Quem se lembra do João Valente, que vendia bolinhos e roscas?Ao lado do



Fundos do Mercado Municipal – Década de 60 – Foto: Heloísa Cruz

boteco de João Valente ficavam as barracas de D. Ilca,| Seu Geraldo e D. Maria. Do lado esquerdo era o bazar de Dona Alrenir. Do lado direito ficava o Bazar “Alô Alô São Paulo” do Rubens. Lá no fundo ficava o armazém de Seu Eulálio. Aquela barraca mais desalinhada, lá na



Seu João Valente. Foto: família

frente, acho que era a do Dimas. E falando em Dimas, ele era um feirante de muito sucesso naquela época. Gente, era bom demais. A turma, depois das aulas, passava por lá. Que bagunça que aprontávamos! ” (Comentários de internautas sobre a foto ao lado).

Uma feirante conhecida em grande parte da cidade, que tem acompanhado há décadas as mudanças do mercado municipal, é Dona Ilca Durães, hoje com 94 anos de idade. Ela conta que chegou em Janaúba em 29 de maio de 1946, vindo da cidade de Riacho dos Machados com esposo e filhos. Aqui, para sustentar a família, começou a vender biscoitos e bolo debaixo do pé de gameleira, pois aqui ainda não tinha um mercado. A feira era realizada debaixo do pé de Gameleira, próximo à linha do trem, em rua de terra. Tempos depois, com a emancipação de Janaúba, em 1948, o Dr. Maurício de Azevedo foi eleito



Dona Ilca no antigo mercado – Anos 80
Foto: acervo da família

prefeito de Janaúba. Foi durante seu mandato (1949-1952) que construiu-se o mercado na praça, que hoje se chama Praça Rômulo Sales de Azevedo (popularmente conhecida como



*Dona Ilca e sua venda no Mercado novo - 2015
Foto: acervo da família*

praça do BNB). Junto com seu esposo Anatalão Pereira, Dona Ilca conta ter sido uma das primeiras a vender verduras no Mercado. Para isso, tinha que viajar até Montes Claros a fim de adquirir o que não era cultivado e ofertado nas bancas daqui. No mercado da praça, Dona Ilca trabalhou por cerca de 32 anos, ou seja, da inauguração do mercado antigo, bem como



*Dona Ilca em seus 90 anos-2016
Foto: acervo da família*

acompanhando toda a transição para o mercado novo. Ela conta que o novo mercado foi construído pelo bisneto do Dr. Maurício de Azevedo, o prefeito Joaquim Maurício de Azevedo, a quem ela muito estimava. O mercado novo foi construído ao final da Rua Cirilo Barbosa, na Avenida Edilson Brandão Guimarães, e Dona Ilca trabalhou por mais 35 anos nesse novo local. No novo mercado, ela vendia artesanatos, queijos, requeijão e verduras. Ela declara que a lembrança dos dois mercados ainda é muito viva em sua memória. Dona Ilca se emociona ao

falar dos seus tempos no mercado, pois fez muitas amizades com companheiros de profissão e fregueses que a encontram até os dias de hoje. Muitos são amigos próximos, afinal, foram



*Lateral do Mercado Municipal
Foto: Herval Rangel*

quase 35 anos em cada um desses mercados. Após se aposentar do mercado municipal, construiu um cômodo ao lado da sua casa, onde mantém a mesma rotina de trabalho que cumpria no mercado municipal, com a ajuda do seu filho Josué. Lá vende artesanatos gorutubanos, queijos, requeijão, bolos, biscoitos e salgados. Muitos amigos daqueles anos



*Dona Ilca visita o Mercado, com o filho Pr. Jeremias Pereira
Ao lado de feirantes amigos. Foto: acervo da família*

param para um café ou um bom papo, recordando os dias vividos no mercado. Dona Ilca louva a Deus pelo privilégio de, através do seu trabalho no mercado municipal, ter criado seus filhos. Hoje, ela já tem tataranetos, tem um livro de poemas publicado e uma memória de dar

inveja a qualquer pessoa! Dona Ilca recebeu o título de “Cidadã Honorária de Janaúba” em 2014 (ela é natural de Riacho dos Machados). Também recebeu uma medalha comemorativa dos 100 anos da Igreja Batista em Minas Gerais, pois foi no quintal da casa dela que a Primeira Igreja Batista teve início na cidade. Foram quase 70 anos trabalhados no Mercado Municipal, por isso,



*Dona Ilca recebe medalha de honra
ao mérito I. Batista. CBM - 2018
Montes Claros - Acervo de Família*

Dona Ilca traz na memória, parte da história de Janaúba.

Assim, conforme declarado por Dona Ilca em sua entrevista, na década de 80, com o crescimento da cidade, o mercado foi fechado para demolição do prédio, que já estava bem deteriorado pelo tempo e um novo prédio foi construído. A falta de uma rede de esgoto, fazia com que a área central da cidade tivesse



Feira em Janaúba – Década de 50 - Foto: Heloisa Cruz



Lateral do Mercado (Rua da SEJAN) – Década de 60 – Foto: Vídeo Sindicato Rural de Janaúba

um cheiro desagradável, devido a água que saía das dependências do mercado. Além disso, o número de feirantes e compradores era grande para o pequeno espaço coberto que o mercado oferecia e o sol forte estragava o que ficava exposto à luz do dia. A presença de animais vivos para comércio, como frangos e galinhas, também era um fator agravante. Tudo isso, somado à falta de estacionamento para caminhões, carros, carroças e bicicletas dos frequentadores, levou ao inevitável: a mudança de local para construção de um novo mercado.



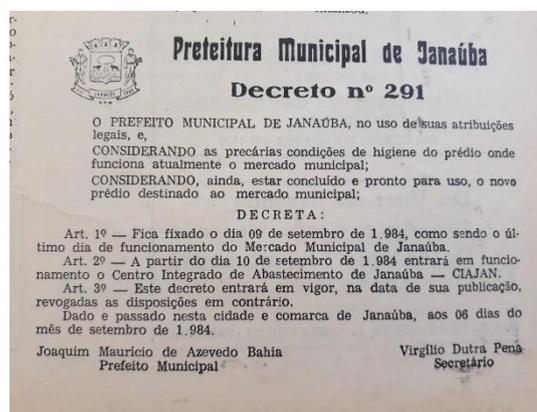
Construção do Mercado da CIAJAN – Década de 80 - Foto: Heloisa Cruz

Na época, construído em local mais afastado da área central, o Mercado Municipal ganhou um prédio moderno e amplo, com bastante espaço interno e local para estacionamento e barracas de feira livre. Por meio do Decreto nº 291, de 06 de setembro de 1984, o prefeito Joaquim Maurício de Azevedo Bahia, autorizou o encerramento das atividades no Mercado Municipal de Janaúba, para que, a partir do dia 10 de setembro de 1984, entrasse em funcionamento o novo Centro Integrado de Abastecimento de Janaúba – CIAJAN.

Com o tempo, a cidade cresceu e novamente o mercado está inserido em área de bastante movimento. Porém, o projeto da época previu esse crescimento, mantendo o mercado em área ampla, sem transtornos para feirantes nem transeuntes.



Fechamento do Mercado Municipal – 1984 – Foto: Internet



Decreto de fechamento do Mercado Municipal – 1984 – Foto: Arquivo Biblioteca Pública Municipal

Recentemente, o Mercado Municipal passou por nova reforma, ganhou cores e, o mais importante, se tornou sustentável em matéria de energia. Em projeto pioneiro, o município instalou placas fotovoltaicas, que deverá produzir cerca de 75 quilowatts de energia, trazendo grande economia aos cofres públicos. A energia limpa tem sido um objetivo a ser alcançado e nisso, o mercado municipal sai à frente, conduzindo mais uma vez, Janaúba rumo ao crescimento sustentável.



Mercado Municipal – CIAJAN - Foto: Internet

O Mercado Municipal continua ativo, porém só abre aos sábados para a tradicional feira livre. Já os comerciantes que atuam nas dependências do mercado, trabalham em horário comercial de segunda a sábado. No mercado, além da Feira livre, também encontramos artesanato, açougue, peixaria, bar, restaurante, supermercado, mercearia, ervas medicinais e vendas de produtos da agricultura familiar.



Mercado Municipal – CIAJAN - Foto: Internet

O mercado municipal tem valor histórico, cultural e afetivo, principalmente para as antigas gerações, um dia, seremos essa geração antiga também.



Mercado Municipal – CIAJAN - Foto: Internet



Mercado Municipal – CIAJAN - Foto: Internet



Mercado Municipal – CIAJAN - Foto: Internet



Mercado Municipal – CIAJAN - Foto: Internet

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM JANAÚBA: “MARCADA POR LUTAS, VITÓRIAS E UMA TRAGÉDIA”



*Dr. Maurício Azevedo em conversa
1952 – Foto: acervo de Heloisa*

A História da Educação de Janaúba se confunde com a própria história do município. Por ocasião da construção da estrada de ferro, veio para o lugarejo aqui existente o Dr. Maurício de Azevedo e sua esposa, que era normalista, a Prof.^a Guiomar Azevedo; o escrivão Sr. Cavalcanti e sua esposa, também professora, Lilia Cavalcanti. Janaúba passa a ser reconhecida como cidade em 1948, mesmo ano que o Dr. Maurício de Azevedo foi eleito prefeito e continuaria sua luta pelo desenvolvimento da cidade.

A prof.^a Lilia Cavalcanti começa a exercer a profissão numa escola improvisada, que ficava localizada na praça Dr. Rockert, denominada “Escolas Reunidas Francisco Sá”.



*Escolas Reunidas Francisco Sá. – Prof^a Lilia Gonzaga
Fonte: Arquivo da Prefeitura de Janaúba*

Funcionava em um prédio que seria o cinema e que, atualmente, funciona o Supermercado Amigo. Mas, devido ao caráter multiseriado, o número reduzido de vagas e a carência de recursos públicos (apesar do esforço e dedicação da Professora Lilia), a escola não satisfazia as



Lilia Gonzaga Cavalcanti



Alunos do Grupo Euclides da Cunha – Década de 70

necessidades da população janaubense. Nasce daí então, a necessidade de construir uma escola maior. O então prefeito, Dr. Maurício de Azevedo e seus assessores iniciaram a construção do prédio, e só depois de pronto, leva ao Governador Milton Campos para criação da escola. Surge assim, a primeira escola estadual de



*3ª série da Escola Nhá-Gui Azevedo – Ano: 1973
Foto: Cartúcio Pereira*



Alunos do Grupo Euclides da Cunha – 1973

Janaúba, o Grupo Escolar Euclides da Cunha. Em reconhecimento ao trabalho realizado na antiga Escola Reunida, a professora Dona Lília Cavalcanti, é nomeada diretora da Grupo Escolar Euclides da Cunha. Anos mais tarde, quando construída a Biblioteca Municipal da cidade, a mesma receberia o nome Lília



*Escola Estadual Euclides da Cunha – Década de 50:
primeira escola de Janaúba:*



*Escola Estadual Euclides da Cunha – 2020: A primeira
escola de Janaúba*



*Escola Estadual Euclides da Cunha – 2020: A primeira
escola de Janaúba*

Cavalcanti, em homenagem àquela que muito colaborou com a educação em Janaúba.

Na mesma época, a professora Guiomar Azevedo, esposa do prefeito, lecionava na Escola Dom Silvério localizada no povoado de Santo Antônio, hoje bairro Santo Antônio, em uma casa cedida pelo Sr. José Manoel. Ela ensinou as primeiras letras para Júlia Clara Serafim, que se torna professora leiga e começou a ajudá-la na alfabetização do povo.



Inauguração do JIIA: ao centro, o Pref. Maurício Azevedo e esposa Guiomar Azevedo-1952

Posteriormente ela se torna normalista. Com a derrubada das árvores para construção das casas e formação da cidade, a educação municipal vai se estruturando. Surge então o Jardim de Infância Josefina Azevedo, para o atendimento à Educação Infantil, que foi Criado pela Lei Nº 28 em 11/08/1951 pelo então prefeito da época, o Sr. Maurício de Azevedo, atendendo a 90 alunos. Em agosto de 1952, foi inaugurado o prédio próprio na praça da Matriz onde funciona até hoje.



Missa e Desfile de 7 de setembro do JIIA - 1952



Uniforme na década de 80 – aluna Cátia



Desfile 7 de setembro do JIIA -1952



Prédio atual do JIIA – Design de 1952



Desfile 60 anos do JIIA - 2012



Funcionários no desfile 60 anos do JIIA - 2012

Entre 1977 e 1982, funcionou em 3 turnos com salas de 35 a 45 alunos. Hoje, o JIIA atende mais de 200 alunos em turnos matutino e vespertino, atendendo do Maternal ao 2º período. Continua sendo uma das melhores e mais concorridas escolas de Educação Infantil, mantendo a tradição de mais de 60 anos formando pequenos cidadãos.

Foi fundado, em 1959, o Ginásio Municipal de Janaúba pelo



Dr. Maurício Augusto

prefeito Maurício Augusto de Azevedo e pelo Padre Cleto Altoé. Em 1965, O Governador Magalhães Pinto passa o Ginásio para a esfera estadual com a denominação de



Padre Cleto Altoé

Colégio Normal Oficial de Janaúba, atualmente a E.E. Maurício Augusto de Azevedo, ou

EEMAA. Uma instituição que vem, há décadas, formando grandes educadores, bem como, alunos que se destacam profissionalmente em vários setores da sociedade.

A Escola Estadual Maurício Augusto de Azevedo chega ao século XXI, firmada em valores e com missão clara de continuar oferecendo educação escolar de qualidade, com mais de 60 anos de tradição.



Prédio da EEMAA – frente à praça do Cristo



Coral EEMAA- Regente Ívia Ladeia – década de 60



Prédio da EEMAA – lateral Av. Manoel Athayde



Desfile 7 de setembro



Primeira turma de formandos e Diretor Padre Cleto Altoé



Uniforme Ed. Física – Aluna Dilma Marques



Diploma: aluna Dilma Marques e Profª Eponina Borém



Desfile 7 de setembro



Formandos Ciências Contábeis - 1979



Desfile 7 de setembro- Professora da EEMAA



1ª turma admitida acompanha construção do colégio



Desfile 7 de setembro- Década de 90



Prédio atualmente – funciona no mesmo local



Prédio atualmente – funciona no mesmo local

Surgiram na década de 70, várias escolas rurais e várias professoras oriundas das famílias janaubenses e gorutubanas, que ao longo dos anos foram construindo a educação do município. Em 1973, o prefeito Adelino Pereira Dias, inaugurou a Escola Municipal Rural, que foi um avanço na educação de famílias que viviam distantes da área central e, por isso, impossibilitadas de colocarem seus filhos na escola.



Prof. Adelino inaugura escola rural em 1973

Ao longo da história de Janaúba, vão sendo criadas as escolas municipais e estaduais, atendendo à demanda existente. Porém, muitas vezes não era possível ter apoio



Desfile 7 de setembro do JIIA - 1952

das esferas governamentais, além de ter-se que enfrentar obstáculos como o da chamada “política de coronelismo” que muito dominou a região. De 1984 a 1989, ainda no mandato do prefeito Joaquim Maurício,



Prof. Joaquim Maurício

se criou a primeira creche do município no Bairro Dente Grande, para atender a pedidos das mães daquele bairro. A creche se chamava Menino Jesus.

Quanto à rede privada, a primeira escola que atenderia à educação infantil surge



Escola Pato Donald - 1973

em meados de 1973 com o nome Pato Donald, de propriedade da professora Ívia Ladeia Batista. A escolinha Pato Donald encerrou suas atividades pouco tempo depois. Outras também vieram e fecharam tempos depois, como: Sonho Infantil, Escola Adventista, Ciranda Cirandinha. Em 1975, nasce a Sociedade Educativa Janaubense –

SEJAN. Em 1980, surge a Casa Escola da Criança, hoje CEC Diocesano. Em 1982, surge o PROASBE, escola privada e filantrópica (municipalizada depois com o nome de E. M. Joaquim de Freitas Neto); em 1984, a Escola Nova Jerusalém (municipalizada depois, com o nome de E. M. Emídio Pereira da Silva), o Colégio Batista de



Formatura Colégio Batista

Janaúba (que funcionou de 1997 até o ano de 2007, encerrando suas atividades). E desse período até hoje temos o surgimento de outras instituições como Escola Walt Disney - hoje Colégio Pilares, Escola Castelo Encantado - atualmente Colégio Prêmio. Há ainda escolas infantis privadas, abertas mais recentemente como Colégio Cristão de Janaúba



*Fachada do Colégio Cristão
Foto: Divulgação*

e Centro de Educação Infantil Educare.



*Centro de Educação Infantil Educare
Foto: Divulgação*

Em Janaúba há muitas escolas públicas, a nível municipal e estadual, para o Ensino Fundamental – Anos Iniciais e Finais. Para o Ensino Médio, há várias escolas públicas estaduais, federal e privadas, como: Instituto Federal do Norte de Minas Gerais/IFNMG - Campus Avançado de Janaúba. Escola Estadual Maurício Augusto de Azevedo/EEMAA, Escola Estadual Joaquim Maurício, Escola Estadual José Gorutuba, Escola Estadual Rômulo Sales de Azevedo, Centro de Educação e Cultura/CEC Diocesano, Colégio SEJAN, Colégio Prêmio.



CEC Diocesano - Foto: Divulgação



SEJAN Foto: Divulgação



IFNMG - Foto: Divulgação



Colégio Pilares- Foto: Divulgação



Colégio Prêmio (lateral) - Foto: Divulgação



E.E. Rômulo Sales de Azevedo - Foto: Divulgação



E.E. José Gorutuba - Foto: Divulgação

Algumas dessas, oferecem Ensino Profissional, como: Instituto Federal/IFNMG – Campus Avançado, Escola Estadual Maurício Augusto de Azevedo e o Colégio SEJAN. Além disso, em Janaúba temos escolas que oferecem também Educação Especial (como a APAE de Janaúba – referência) e a Educação para Jovens e Adultos – EJA. Há também escolas que oferecem Ensino Integral para crianças da Educação Infantil, tanto na rede pública, quanto particular.

O Ensino Superior foi sonho de muitos cidadãos que viam seus filhos partirem para longe, em busca de um curso superior. Hoje é uma realidade e Janaúba tem se tornado um polo na Educação Superior do país, recebendo estudantes de várias regiões do Brasil. Universidades públicas e Faculdades privadas oferecem vários cursos em nível superior e pós-graduação, nas formas presenciais e EAD (Ensino à Distância) sendo elas:

- * Universidade Federal Dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri/UFVJM – Campus Janaúba
- * Universidade Estadual de Montes Claros /UNIMONTES – Campus Janaúba
- * Faculdade Promove de Janaúba / ISEJAN
- * Faculdade de Ensino Superior Da Paraíba - FESP
- * Centro Universitário de Caratinga - UNEC
- * Universidade de Uberaba - UNIUBE
- * Universidade Castelo Branco - UCB
- * Universidade Paulista - UNIP
- * Universidade Norte do Paraná - UNOPAR



Campus da UNIMONTES – Janaúba - Foto:

UFVJM – Janaúba - Foto: Divulgação

Grandes nomes da educação já passaram na história de Janaúba. Professores ilustres trouxeram a educação dessa cidade até aqui. Alguns se tornaram nomes de escolas, para serem eternizados. Outros estão homenageados na memória de seus alunos, que são hoje professores e educadores. Destacamos o nome de alguns poucos como: Maria Adelaide Azevedo (1ª Inspetora escolar), Izaete Pereira da Silva, Herogina Ferraz, Inspetor Luiz Pedro, Carmélia Pires, Diva Pinto, Antonieta Bahia, Luzia Mendes Siqueira, Marina Cordeiro, Padre Cleto Altoé e tantos outros. Ainda vivos, temos muitos educadores inesquecíveis, alguns deles como: José Antônio Barbosa ou Zuzu, Marlene Balzani, Izadina Ladeia, Professor Renê, Luciene, Márcio Viana, Ervino Costa, Maura Lages, Tio Donato, Maria Aparecida Brito, Rita Félix, Ana Lourdes, Salete, Carlos Lima, Dona Constância e tantos outros que ainda encontramos na cidade.

Para dar suporte aos estudos de alunos e professores foi criada em 1972, no mandato do Prefeito Wildemar Maximino da Cruz, a Biblioteca Pública Municipal Professora Lília Gonzaga Cavalcante. Atualmente inserida no Espaço Cultural Central do Brasil, a biblioteca pública tem sido uma peça indispensável na construção da cidadania. É um veículo de informações, entretenimento e cultura, pois é através da leitura que o homem adquire conhecimentos, para tornar-se um cidadão crítico e consciente. Funcionou por muitos anos no espaço próprio à Avenida Brasil, em frente à Câmara Municipal. Após a necessidade de ampliação do espaço, a Biblioteca passou a funcionar no Espaço Cultural Central do Brasil.



Prédio antigo da biblioteca



Prédio antigo da biblioteca



Prédio onde funciona a biblioteca, atualmente

A determinação dos educadores de Janaúba é que tem feito a diferença e faz com que grandes sonhos sejam alcançados, como é o caso da instalação da Superintendência Regional de Ensino que é um marco da educação municipal e de toda uma região. É imprescindível “que nossos governantes enxerguem Janaúba como sendo parte das Minas Gerais e não as “Gerais” que foram esquecidas na história”, como dizia Dom José Mauro, Bispo da Diocese de Janaúba (falecido em acidente no dia 14 de setembro de 2006).

Infelizmente, temos uma página trágica na educação de Janaúba, que colocou o nome da cidade em todo o mundo, na maior tragédia que já aconteceu em uma escola infantil no Brasil. Conhecido tristemente como “o massacre de Janaúba”, o ataque ocorreu no dia 5 de outubro de 2017, no Centro Municipal de Educação Infantil “Gente Inocente”. O ataque criminoso cometido pelo vigia da escola, chamado Damião Soares dos Santos, de 50 anos, vitimou 10 crianças com idades entre 4 e 6 anos, 02 auxiliares de classe e 01 professora de Educação Infantil, levando o país inteiro à uma comoção imensa. Ao derramar combustível e atear fogo no salão da escola, onde todos comemoravam a “Semana das Crianças”, o vigia causou um incêndio que tomou conta das dependências.



Logomarca do CEMEI Gente Inocente



Porta da escola, antes do ataque
Foto: Lillian Claudine

Morreram no local quatro crianças, e dezenas de crianças e funcionários ficaram feridos em graus diferentes. Mais seis crianças, as professoras Heley de Abreu e as auxiliares de classe Jéssica Morgana e Geni Oliveira morreram, depois de serem socorridos. O assassino também faleceu totalizando assim quatorze mortos. O prefeito de Janaúba, Carlos Isaildon Mendes (PSDB), classificou a tragédia como "catastrófica". Ele pediu ajuda ao governo estadual, que disponibilizou helicópteros e hospitais, e a municípios vizinhos, que forneceram ambulâncias e o estoque de medicamentos para queimados.



Porta da escola, após o ataque
Foto: Lillian Claudine (funcionária da creche)

O governador de Minas, Fernando Pimentel, declarou luto oficial por 3 dias. Em uma postagem no Twitter o presidente Michel Temer disse: "Eu que sou pai imagino que esta deve ser uma perda muitíssimo dolorosa. Espero que essas coisas não se repitam no Brasil. Lamento imensamente essa tragédia com as crianças em Janaúba (MG). Quero expressar minha solidariedade às famílias". A imprensa internacional também repercutiu o ataque à creche de Janaúba. A rede britânica BBC destacou que vídeos mostram as cenas de caos na área de fora da creche e que 40 pessoas foram levadas a



hospitais. O jornal estadunidense *The New York Times* e o canal de notícias CNN também relataram a situação, dando destaque para o fato de o homem ser funcionário do local. O jornal argentino *La Crónica* destacou que as crianças morreram após um homem ter "enlouquecido" e colocado fogo em uma creche.

Foram computados ferimentos em mais de 50 pessoas e algumas das vítimas permaneceram hospitalizadas por meses. Muitos funcionários, familiares e alunos enfrentaram problemas psicológicos causados pelo trauma. Os mortos na tragédia, além do vigia Damião, de 50 anos, foram: Luiz Davi Carlos Rodrigues, 4 anos; Juan Miguel Soares Silva, 4 anos; Ana Clara Ferreira Silva, 4 anos; Juan Pablo Cruz, 4 anos; Renan Nicolas Santos, 4 anos; Yasmin Medeiros Salvino, 4 anos; Cecília Davine G. Dias, 4 anos; Heley Abreu Batista, 43 anos; Thallyta Vitória Bispo de Oliveira Barros, de 4 anos; Mateus Felipe Rocha Santos, de 5 anos; Gabriel Carvalho de Oliveira, de 5 anos; Geni Oliveira Lopes Martins, de 63 anos e Jessica Morgana Silva Santos, de 23 anos.

Nomes que estarão sempre escritos como heróis, nas páginas da nossa história! Heróis porque morreram sem saber o porquê. Estavam em um lugar que embala sonhos! Era a escola de cada um, e ali apenas estava sonhando, brincando, estudando, trabalhando.... Há muitas vítimas diretas e indiretas da tragédia e todas elas necessitarão de muita ajuda e fé para vencer as cicatrizes e o trauma que esse ataque causou.

Abaixo, o texto do escritor Fabrício Carpinejar sobre a tragédia que abalou Janaúba e o país inteiro:

*Como explicar
alguém que queima
crianças de 4 a 5 anos?
Que sabe o que está
fazendo, que
conscientemente chama
para perto uma turma
absolutamente indefesa e
frágil e joga álcool nela e
depois atea fogo sem piedade nenhuma?*



Não há vingança que justifique tamanha crueldade, não há acerto de contas que amenize o desamparo, não há atenuante humano, não há perdão divino. Nem o suicídio é um desconto.

O que se viu em Janaúba, no Norte de Minas Gerais, na manhã desta quinta-feira (5 de outubro de 2017), adoecerá os olhos do país pelo resto de nossa história.

O guarda do Centro Municipal de Educação Infantil Gente Inocente, no Bairro Rio Novo, matou covardemente os pequenos estudantes e professores. Quatro deles morreram carbonizados na hora, nove deles faleceram no hospital e muitos estão internados, com mais de 30 por cento da pele queimada.

Quem não tem filho já não aguenta ler a notícia até o fim, imagine quem tem? Subirá até garganta o grito de cinzas do lugar destruído, engoliremos o fogo maldito da imoralidade. Acordaremos com o gosto ruim na boca, o desgosto perpétuo de fantasiar o quanto os anjos sofreram sem ao menos entenderem o que acontecia.

Serão vidas que jamais chorarão no colo dos pais.

Serão pais que jamais dirão: isso passa! Porque nunca passará.

Como chegar perto daquele endereço de novo, atravessar a rua Rosenda Pereira, sem o frio na espinha? Nem o frio da espinha apagará um dia o fogo.

Famílias estarão na frente do portão aguardando a saída dos filhos às 18h para todo o sempre.

Talvez as crianças estivessem rindo, talvez pensassem que o tio, que era segurança da escolinha, estivesse fazendo uma brincadeira. Não pressentiram o perigo. A inocência nunca cogita o pior. A inocência confia. A inocência jura que o adulto pode ser bom, pode querer brincar de roda, de ciranda, de jogar líquido na cabeça. Não enxerga a maldade. Não enxerga a ameaça crescendo.

É uma tragédia que não me fará desacreditar em Deus.

Mas começo a acreditar firmemente que o Diabo existe.

Como aprendemos a resiliência com a história dos nossos antepassados, não seria diferente nesse terrível e doloroso acontecimento. Assim sendo, recomeçamos. Após muitas homenagens, premiações, ajuda vinda de todos os lugares, a escola recomeçou as aulas em 19 de outubro de 2017, em um espaço provisório. Uma nova escola foi construída por uma rede solidária e o agora “CEMEI Heley de Abreu” voltou a escrever uma nova história.



Flavinha – 05 anos (2019)
Sobrevivente do ataque

Janaúba ainda sente dor ao relembrar os dias de cor cinza que a cidade viveu.



Crianças sobreviventes do ataque de 2017
Foto de 2018



Espaço providenciado para a creche funcionar, após ataque - Outubro de 2017
Na foto, a equipe de 2017: parte das crianças e funcionários vítimas diretas e indiretas do ataque - Foto: Tia Getze



Gravação para Rede Globo (Fantástico)
Dezembro 2017 Foto: Victor Pimentel

Fomos feridos de morte, mas temos o sangue daqueles sobreviventes do Vale do Gorutuba. Temos também, o sangue dos nossos antepassados, que vindos à Gameleira, ousaram lutar e sonhar. Herdamos a gana e a coragem dos que começaram a desbravar essas terras. Continuamos levando adiante, os sonhos que foram plantados nesse solo, há mais de dois séculos de ocupação do vale.



Nova creche construída no local da que outrora sofreu o ataque.

Nossa gente é brava, valente, mas ainda choramos e sentimos tudo que nos machucou. Contudo, jamais, retrocederemos!

A fé que nos move e nos faz acreditar em dias melhores, vem do Nosso Senhor Jesus! E o rio Gorutuba, confidente e fiel companheiro das lutas dessa gente, há de ver, por muitas gerações,



*Pôr-do-sol no Copo Sujo (Rio Gorutuba)
Foto: Luiz Carlos de Oliveira*

esse vale de Kuruatuba prevalecer! De Gameleira à Janaúba, sigamos avante... E nunca esqueceremos: **#PraSempreGenteInocente**



JANAÚBA HOJE

Janaúba chega em 2020 com cerca de 80 mil habitantes. Quando esse texto está sendo escrito, estamos passando por uma pandemia mundial causada pela COVID 19 (COVID significa CORona Virus Disease (em português, Doença do Coronavírus). Estamos mantendo cuidados básicos como distanciamento social, usos de máscaras, álcool em gel nas mãos e muitos estão de quarentena desde o mês de Março (estamos em agosto). Eventos como a tradicional Exposição Agropecuária de Janaúba, São João Gorutubano, shows e festas estão proibidos por tempo indeterminado.



Visão noturna da cidade de Janaúba - 2017

As escolas não funcionam desde março e os alunos estudam on-line ou estão sem aulas mesmo. Aqui na cidade já tivemos 12 óbitos causados pelo Coronavírus e mais de 600 infectados e recuperados. O Hospital Regional de Janaúba tem estrutura para atender todos os casos registrados até hoje, pois conta com UTI e respiradores, UTI móvel e médicos preparados. A secretaria de saúde tem se esforçado ao máximo para evitar mortes e contágios e o Brasil já atingiu a marca de mais de 150 mil mortos pelo coronavírus e suas complicações. O mundo quase todo passa pelo mesmo momento triste de pandemia. Desejamos que isso termine logo!

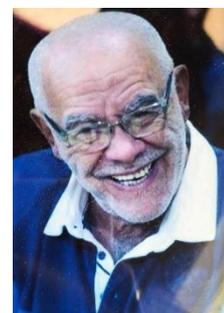


Foto: InterTV Grande Minas – Montes Claros -MG

Hoje, os fatos mundiais estão à distância de apenas um clique. A internet chegou em Janaúba na década de 1990 e tem nos conectando desde então, cada dia mais e mais. A história de Janaúba continua sendo escrita, agora por muitas mãos, que tuitam, clicam, postam, compartilham, comentam... Com certeza, será bem mais fácil conhecer Janaúba, pois tudo pode ser encontrado na rede mundial de computadores. As informações chegam de todo lugar, a todo instante, em vídeos ao vivo ou nas fotografias de alta definição, tiradas a qualquer instante, por modernos smartphones.

Ao ver as fotos que ilustram nossa história, você deve ter pensado que a qualidade delas não está assim, tão boa. Pois saiba que, tempos atrás, fotografias eram tiradas apenas em ocasiões muito especiais. E também, só eram guardadas por pessoas que se preocuparam em preservar a sua história. Essas que vimos aqui, foram raridades garimpadas, por meio de uma rede de cidadãos janaubenses, que amam e preservam a história. Por gente que quer fazer essa história conhecida, compartilhando-a para outras gerações.

Um deles é o Aldemir de Souza Pires, esse senhor de sorriso largo da foto, casado com a professora aposentada Isabel. Ele veio da cidade de Santa Rita de Cássia e mora em Janaúba há 76 anos. No seu trabalho como topógrafo, Aldemir acompanhou o processo de emancipação de Janaúba, colecionou fotos e histórias, que foram aqui compartilhadas. Cada foto encontrada está identificada ao final, porque ele explicou cada detalhe, localizando prédios antigos no novo desenho urbano de Janaúba. E ele ama contar o que sabe e como viveu nesse tempo todo!



Aldemir de Souza Pires - Topógrafo

Esse gesto de generosidade do Aldemir, da D. Ilca, do Tio Donato, do Márcio Viana, dos gorutubanos e seus 'causos', da Gilza Alcântara (que pintou as telas gorutubanas), de pessoas que compartilharam arquivos (por isso estão sendo citadas nas referências)...

Gente como os saudosos jornalistas, Sr. Bicalho Brandão e Raimundo Brandão, que organizaram e guardaram jornais “O Gortuba”, veículo de informação dessa cidade, desde a década de 1960... Gente como o saudoso Herval Rangel, que catalogou fotos históricas e documentos, deixando tudo organizado para a posteridade... É por causa dessa gente toda que a história de Janaúba pode chegar até nós. Só assim esse trabalho pode ser realizado afinal, ainda não encontraram nenhum “buraco de minhoca” para que a gente pudesse viajar através dos tempos, não é mesmo?

Como é importante conhecer as nossas raízes, para valorizarmos ainda mais as tradições do nosso povo! Tradição é o elo que liga o passado ao presente, é a fé viva dos nossos antepassados. Afinal de contas, o conceito histórico diz que, devemos conhecer nosso passado, para assim, entender o presente e transformar o futuro. Falando nisso, e o futuro, como será? O presente eu conheço e vocês também! Amanhã, o dia de hoje já fará parte do nosso passado e o mundo continuará girando, numa rotação perfeita, trazendo novos dias, novos meses, novos anos...

Você já sabe que hoje somos uma cidade pertencente ao “Circuito das Frutas”. Sabe que o Projeto Gortuba, junto com o Projeto Jaíba, alimenta pessoas, no Brasil e no mundo, através projetos de irrigação que tem sido destaque. Temos indústrias e empresas



Painéis de captação de Energia Solar em Janaúba
Foto: Mori/Divulgação

como a “Best Pulp”, a



Exposição de frutas da região na EXPOJAN

BRASNICA, o Frigorífico Minerva. Logo, nossa cidade também será conhecida pela produção de energia limpa e sustentável, por meio de usinas de energia solar. E disseram

que teremos aqui na terrinha, uma das maiores usinas solares do mundo! Bendito o sol que nos aquece há tempos! É, as coisas mudam rápido, hein? E você também deve saber que hoje temos rede de esgoto disponível na cidade, mas, ainda em pleno Século XXI, há pessoas no país morrendo por doenças causadas pela falta de saneamento básico. Rede de esgoto e água potável ainda é privilégio no nosso país! Inacreditável, não é?

Dia 30 de maio desse ano de 2020, a NASA (Agência Espacial Americana) lançou o foguete Falcon 9, da SpaceX com dois astronautas (Bob Behnken e Doug Hurley, da Nasa) e todos assistimos ao vivo, em tempo real, dos nossos smartphones, das telas do computador ou da TV, com excelente resolução. “Queremos



O foguete Falcon 9, da SpaceX, decola do Centro Espacial Kennedy, na Flórida – USA.
Foto de Michael Seeley, National Geographic

enviar todo tido de pessoa para o espaço”, diz Benji Reed, diretor de missões tripuladas na SpaceX. “Tudo que estamos fazendo é abrir um novo capítulo na era da exploração

espacial. ” Pensei na hora: - “Puxa vida! Daqui uns dias as pessoas poderão comprar uma passagem para viajar em Marte, visitar a lua, contemplar as estrelas mais de pertinho! E parece que foi ontem que o trem da Central do Brasil chegou por essas bandas, trazendo o crescimento de Janaúba junto com a locomotiva nº 1.158 da Central do Brasil! Foi emocionante assistir o lançamento desse foguete, ao vivo, com meus filhos Davi e Sofia! Mas, ao mesmo tempo pensei: “- Tanto progresso em pouco tempo e, mesmo assim, ainda tem gente morrendo de fome nesse mundo! Tem gente sem água potável para beber! Criamos coisas incríveis, mas não aprendemos a cuidar bem da nossa cidade, do nosso rio, da natureza ao nosso redor. Insistimos em fabricar lixo, jogando fora coisas que poderiam ser recicladas, mas que agora irão poluir nossa natureza. Tudo é muito complexo porque nós mesmos complicamos tudo! ”

A verdade é que evoluímos tanto tecnologicamente e ainda somos tão primitivos como pessoas. Dividimos gente por cor da pele, por preferências políticas, religiosas e afetivas, deixando de cuidar dos mais frágeis e necessitados! Te garanto que se fosse com aquela gente, lá do Vale do Gorutuba, nenhum companheiro da terra ficava para trás não. Nem muro ou cerca eles tinham nas suas terras!? Era tudo criado solto, os bichos, as pessoas, as árvores frutíferas, as águas eram de todos! Eu poderia amarrar minha rede na árvore do meu vizinho e ele acharia era bom! Até diria: “ - *ancê aceita um cafezinho gurutubano? Cabe de passá agora!*”

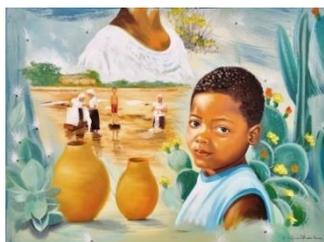


Gorutubana – Gilsa Alcântara



Então, eu te pergunto: - depois que lemos tudo isso sobre a nossa história, será mesmo que estamos evoluindo? Será mesmo que o progresso tem tomado a terra de Janaúba? Será que continuaremos acreditando na luta por justiça e equidade? Será que manteremos os valores, a fé e a tradição que nos forjaram? Nunca se esqueça de que precisamos ter raízes fortes!

Passamos o bastão para a próxima geração que irá, um dia desses, recontar toda essa história, com muitos novos capítulos, mas sem esquecer das suas origens. Jamais!



Obra de Guigui Alcântara

PRINCIPAIS EVENTOS DA CIDADE DE JANAÚBA

EXPOSIÇÃO AGROPECUÁRIA DE JANAÚBA – EXPOJAN: Uma festa do agro!



SÃO JOÃO GORUTUBANO: é cultura e tradição! É São João Gorutubano!



DESFILES REGIONAIS E CÍVICOS: Escolas da cidade brilham nessas celebrações.



PONTOS TURÍSTICOS

A cidade pode proporcionar aos turistas que as visitam uma diversão incrível que fica em contato direto com a natureza. Há lugares para trilhas e prática de ecoturismo, pedal, caminhada. Sempre acompanhado e com segurança, é claro! Aqui você vai conhecer a cachoeira do Barreiro da Raiz, a praia do Copo Sujo, o Balneário Bico da Pedra com suas pousadas e resort. Também poderá visitar pontos da cidade que contam a história de Janaúba. Se quiser ouvir uma boa prosa, pode visitar bairros tipicamente gorutubanos como Barbosas, Santa Terezinha, Lagoa Grande. Além disso, a comida mineira com pitada gorutubana é excelente! Frutas? Não hão de faltar, afinal, você está no circuito das frutas! Boa música também tem e cantores da cidade como Cícero Billy Alves: - “Quando é noite os ventos, *"Alice"*, sussurram...*E meus lábios gelados, Alice*, murmuram”. “*Veja morena que belo arco-íris, bebendo água no meio do rio. Chuva estiada festival de cores, beleza igual aqui nunca se viu*”. São algumas das canções do gorutubano Cícero Billy Alves. E tem muito mais artistas em barzinhos com shows ao vivo, pois talento por aqui não falta! Conheça mais de Janaúba, seus sons, cores e sabores!



Praças da cidade: Temos que proteger nosso patrimônio! Faz parte da nossa história.



Capela do Senhor Bom Jesus – Praça Dr. Rockert



Praça do Cristo Redentor



Praça da Catedral de Janaúba (coreto)



Rio Gorutuba (praia do Copo Sujo) e Av. Edilson Brandão



Rio Gorutuba



Projeto de Irrigação do Gorutuba



Av. Edilson Brandão Guimarães (ao lado do Copo Sujo) Pista de caminhada, academia ao ar livre e parquinhos infantis



Praça do BNB – Trailers de fastfood



Trilhas para caminhadas, pedaladas ou motocross



Balneário Bico da Pedra



Ecoturismo e esportes de escalada no Bico da Pedra



Barragem do Bico da Pedra



Barragem do Bico da Pedra



Lago da Barragem do Bico da Pedra



Cachoeiras e corredeiras no Barreiro da Raiz



Rio Gorutuba



Ponte ferroviária sobre o Rio Gorutuba



Clubes como ABIP, Caiçara e Serrano



Pedra do Sonho Resort Hotel



Rio Gorutuba (praia do Copo Sujo)



Rio Gorutuba (praia do Copo Sujo)



Rio Gorutuba (praia do Copo Sujo)



Rio Gorutuba



Rio Gorutuba – Barreiro da Raiz



Rio Gorutuba



Recanto das Aroeiras - Pousada



Recanto das Aroeiras - Pousada



Recanto das Aroeiras - Pousada



Mercado Municipal



Espaço Cultural Central do Brasil (venda de artesanato local, biblioteca pública e cursos gratuitos de artes como dança, pintura, crochê, costura, música...)

RETALHOS DA NOSSA HISTÓRIA

Fotos, recortes de jornal, poemas, letras de músicas, personalidades, lugares... Tudo isso, pedaço a pedaço, vai montando uma colcha de retalhos que, no final, conta a nossa história. Índios tapuais, quilombolas, gorutubanos, gameleirenses, forasteiros, janaubenses.... E assim, temos construído a história de um povo forte, que chega ao século XXI com fama de aguerrido, povo de fé e hospitaleiro.

Cada imagem abaixo conta um fato, uma história, um momento que ficou no passado, mas transformou o presente. Algum dia, esse presente será passado e outras fotos virão. É que o futuro está sempre logo ali... Temos mais uma chance de escrever a nossa história. E que ela venha cheia de retalhos felizes, se Deus assim permitir!



Locomotivas em Janaúba - 1947



Locomotivas em Janaúba - Anos 80



Locomotivas em Janaúba - 2020



Prefeitura de Janaúba - Década de 50



Prefeitura de Janaúba - Década de 60/70



Prefeitura de Janaúba - 2020



Estação Ferroviária de Janaúba - 1947 - Central do Brasil



Estação Ferroviária de Janaúba - Década de 80/90 - RFFSA



Estação Ferroviária de Janaúba - 2020 - Ferrovia Centro Atlântica



Fórum Bias Forte - Janaúba - Década de 60/70



Fórum Bias Forte - Janaúba - Década de 90/2000



Fórum Bias Forte: Centro de Justiça - Janaúba - 2020



Praça Pérciles de Oliveira Santos - Década de 60



Praça Pérciles de Oliveira Santos - 1985



Praça Pérciles de Oliveira Santos - 2020



Vista parcial de Janaúba - 1970



Vista parcial de Janaúba - 2018



Construção da ponte de Janaúba e Nova Porteirinha-1966 Os eng^o Eráclito Ortega e Filomeno Pires ao lado do sr. prefeito Du Nogueira, jornalista Brandão e o sr. Edgarzin de Marcolino.



Inauguração da Biblioteca pública Municipal - 1972



Salto de paraquedas na Expojrn - 1980



Inauguração da Rodoviária de Janaúba - Década de 70



Praça da Catedral Sagrado Coração de Jesus - Década de 80 - Foto Rex



Última viagem do trem de passageiros - 1996



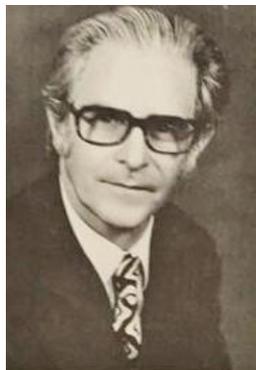
Vôlei na praia do Copo Sujo - Década de 90
Foto: Luiz Carlos de Oliveira



Carnaval 40 graus na praia do Copo Sujo - Década de 90
O bicho da barragem - Foto: Luiz Carlos de Oliveira



Construção da Rodoviária - Década de 70



Dr. Robinson Crusó Loures Macedo Moura, advogado, odontólogo, Presidente da Câmara Municipal de Janaúba, Perito contador, Secretário da Prefeitura de Janaúba e Monte Azul, Contador de várias prefeituras, colaborador do jornal "O Gorutuba", Gazeta em Moc e Jornal Moc

Grande nome de Janaúba: Dr. Robson Crusó



Dona Eponina e Dr. Milton Borém recebem a premiação da filha, coroada Rainha de evento em Janaúba - Década de 60



Último trem de passageiros em Janaúba: o trem baiano viajou pela última vez em 4 de setembro de 1996, saindo de Montes Claros, passando em Janaúba e pernoitando em Monte Azul, chegando em Montes Claros, novamente, dia 5 de setembro de 1996.



Independente Futebol Clube de Janaúba - 1956



Figura conhecida na década de 60: Zecão



Banco BEMGE – (Onde hoje é o D'gusti) – Década de 60
O Banco BEMGE (privatizado) foi comprado pelo Itaú



Delegacia de Janaúba – Av. do Comércio (onde é a Cacau Show e Hering) década de 70



Praça do BNB. Antes de ser cortada com uma rua dentro do espaço central. Década de 90.



Casa conhecida como Palácio da Alvorada. Já foi casa, Polícia Civil e escola profissionalizante. Década de 60.



Hotel Walmar – Um dos primeiros prédios de Janaúba
Esquina com Rua Francisco Sá. década de 60



Desfiles de 7 de setembro – Escola SEJAN
Fotos: Luiz Carlos de Oliveira



Desfiles de 7 de setembro – Escola SEJAN
Fotos: Luiz Carlos de Oliveira



Desfiles de 7 de setembro – Escola SEJAN
Fotos: Luiz Carlos de Oliveira



Artista plástica Guigui Alcântara



Tio Donato

A cultura Gorutubana hoje é contada, pintada, fotografada, cantada em verso e prosa, narrada, transformada em balé clássico, dançada, desfilada e preservada de geração em geração...

RECORTES DE JORNAIS: O GORUTUBA – DÉCADA DE 60 E 70

Bicalho Brandão e Raimundo Brandão arquivaram por décadas e hoje podemos ler as versões digitalizadas pela Secretaria de Cultura do Município. Um tesouro das décadas de 60, 70 e 80. O povo de Janaúba é grato por esse arquivo histórico.



Jornalista Raimundo Brandão, Prefeito Adelino Dias e Governador Rondon Pacheco - 1975

De Gameleira a Janaúba

Um caminho percorrido com amor

Gameleira

Gameleira de 1948 refloresce em 1973.

Bom dia Santos Mendes, Américo Soares, Antonino Catulé, Mozart e Helmo Mendes, e tantos outros. Eu os vejo à sombra da Gameleira, fitando com orgulho a antiga Campina Verde.

A sombra da Gameleira desaparece lentamente. Em seu lugar se fixa eterna, pujante e altaneira, a bandeira de JANAÚBA.

O gorutubano, a folha, a enxada e o machado, começaram a construção de um ideal, hoje realidade.

JANAÚBA.

O boi, o algodão e a indústria, trazem prosperidade e progresso para este povo honrado e trabalhador.

Janaúba e seu povo feliz saúdam com amor e carinho o visitante amigo.

Goste de nós e de nossas coisas. Nós já gostamos de você, que nos veio trazer o prazer de sua companhia.

Domenico Brandão

Infância, cuja letra segue:

HINO DO JARDIM

J. I. querida escola
Onde aprendemos brincando
Somos todos infantis
Passamos a vida assim cantando
E assim somos felizes
Vivemos cheios de amores
E no futuro seremos sempre assim
Como alegres beija-flores.

Coro

Jardim de Infância, querido
Todos nós te queremos saudar
Será nosso lema "Avante"
Estudar e brincar, sim brincar.

Nossas mestras são amigas
E nos guia para a luz
Confiantes as seguimos
Pois ao bom caminho nos conduz
Como alegres borboletas
Vivemos sempre a adejar
Esperançosos iremos até ao fim
Para o Brasil triunfar.

E foi assim: com alegria floresce

em sociedade... em s

Querida Janaúba

Rubisson Pereira Santana

Eu a conheci bem criança
Vestida de chita,
De longas tranças!
Hoje, é menina moça
Tão colheita,
De sorriso franco
E bem amada.

Esta virtude
Foi Deus quem te deu,
Querida Janaúba
Dos sonhos meus!
Seu povo nativo que
Presta homenagem a você,
Sempre teve esperança
De ver essa linda criança,
Um dia, na vida vencer.

Seu passado de glória
Ficará na história
Que realmente você foi!
Lembro-me de suas picadas
Transformadas em estradas
Por onde transitaram
Tantos carros de bois.

Suas lindas paisagens,
Seu povo, seu rio, tudo traduz
Como recordação do passado,
Na capelinha do Bom Jesus.

Vem ahi o dr. Demosthenes Rockert

Ao que se prende a sua viagem -- Importante missão junto a Rede Viação Cearense

Comunicamos a todos que está em processo de organização a Rede Viação Cearense e a Rede Viação Piauiense, para a realização de uma viagem de estudos e inspeção de linhas, com o objetivo de estabelecer uma rede de linhas de transporte coletivo, abrangendo os estados do Ceará e do Piauí.

Para isso, convidamos a todos os interessados a se inscreverem até o dia 15 de setembro, para a realização de uma reunião de trabalho, a ser realizada no dia 16 de setembro, às 14 horas, no salão de reuniões da Rede Viação Cearense, localizada na Rua da Liberdade, nº 100, em Fortaleza, Ceará.

Para maiores informações, consulte o telefone nº 250, em Fortaleza, ou o telefone nº 150, em Teresina, Piauí.

12/9/76 | 8 Páginas - Cr\$ 2,00

Dia 17 Ministro autoriza inicio da Barragem do BICO DA PEDRA

Governador deverá comparecer

Está confirmada a vinda do Ministro do Interior, Rangel Reis, com grande comitiva de autoridades federais e estaduais, para a cerimônia de autorização da emissão da ordem de serviço à Construtora Andrade Gutierrez, para o início da construção da Barragem do Bico da Pedra.

Segundo a programação fornecida pelo gerente, Roberto Amaral, do Perímetro de Irrigação do Vale do Gorutuba, do DNOCS, a comitiva visitante chegará ao aeroporto local às 9 horas, da manhã do dia 17, sexta-feira próxima.

Em seguida, visitarão o local onde será construída a Barragem, e assistirão à exposição sobre o projeto de Irrigação do Vale do Gorutuba. O Ministro procederá à inauguração do Centro Técnico de Experimentação e Demonstração (CTED); depois, visitará a primeira etapa de implantação da irrigação, onde 760 hectares já estão sendo programados e ao Núcleo Habitacional.

A cerimônia principal — emissão da ordem de serviço — com autorização à Construtora Andrade Gutierrez para o início da construção da Barragem — encerra a programação pública.

Interior, virão os diretores José Osvaldo Pontes e Eldan Velloso, do DNOCS; o Superintendente José Lins de Albuquerque e o Diretor Marcelo Furtado, da Sudepe e o Presidente da Codevaf, Nilo Pecanha. Da área estadual, o Secretário da Agricultura, Agrônomo Abranches; o Diretor da Ruralmínima, Aloísio Fantini Valério; o diretor do DAE, Maurício Freitas Teixeira Campos; e, da área regional, o Coordenador do Iocra, Afonso Damazio Soares; o Presidente da Epanrig, Helvécio Mantana Satarnino, e os Diretores da Construtora Andrade Gutierrez, Gabriel Donato Andrade e Ozâmio Pinheiro.

Há fortes possibilidades de que Aurelino Chaves participe da comitiva, honrando nosso município com sua primeira visita como Governador do Estado. Nesse sentido todos os esforços estão sendo feitos, inclusive de parte do próprio Governador, tudo dependendo de sua agenda.

Os ilustres visitantes, bem como os funcionários gerenciados por eles, serão recebidos pelo DNOCS, havendo uma reunião com o Governador local, no Cine Janaúba.

O regresso está previsto para o dia 18.

Dr. Robinson Crusóe

Volta a residir nesta cidade o dr. Robinson Crusóe que instalará em breve uma seguradora de seu escritório de contabilidade, já vastamente conhecido na região, mantendo ainda sua banca de advogado.

É de satisfação esta notícia, não só para os que residem neste município como para toda a região, onde conta com vasto círculo de amizades e de seus ex-alunos que receberam de S.S. luzes e ensinamentos para aplicá-los na vida pública.

Dr. Robinson Crusóe que dedicou toda a sua juventude a levar seus vastos conhecimentos de professor à juventude norte-mineira, será também um dos diretores do jornal à ser editado nesta cidade, AVANTE - pelo progresso da região.

CEMIG e a energia elétrica em Janaúba

Em breve Janaúba terá iluminação

Em uma das reuniões da CEMIG, do grupo resolveu, em grande parte, a instalação de uma linha de transmissão de energia elétrica em Janaúba, o que permitirá a iluminação pública e a energia para as indústrias locais.

Para comandar esta unidade que será a Cia de Fomento do 10º BPM, foi designado o capitão PM Schubert Gonzaga de Santana, que já se encontra na cidade em companhia do capitão comandante da 1ª Cia sediada em Montes Claros, Airton de Araújo Campos, oficial que já foi delegado nesta comarca e goza merecido alto conceito e amizade da população.

Nos entantos já mantidos com o prefeito, o delegado regional de segurança, o juiz de direito e outras autoridades e lideranças do município, os oficiais têm recebido o mais amplo apoio e solidariedade, tudo indicando ser possível a inauguração do Cia no prazo previsto.

Música ao vivo

Alegria mais a sua festa

Os Tropicais

7 Instrumentos

O melhor conjunto do norte do Minas Orgão, guitarra solo, guitarra base, sax, piano, bateria e guitarra contra-baixo

Tratam OS ZICA de JAIME ANTONIO MARTINS

Praca da Cidade - Telefone 250 - Ingressos

Programação do Cine Virginia

A partir de 23/1 a 31/1

Domingo 23 - matutino e noite: "O PIETOLEIRO MARCADO POR DEUS" - Wacler Colerico. Ele ostenta a violência, mas Deus o havia marcado. Censura 10 anos

Segunda 24 - reprise

Terça 25 - SOMHO DE REIS - 18 anos (drama)

Quarta 26 - O AMOR ATRAVES DOS SECLLOS - 18 anos

Quinta 27 - A GRANDE AMEAÇA - 15 anos

Sexta 28 - TABARÁ LUTA PELA VIDA - 10 anos

5a. Cia de Fomento

Empacamento de veículos

Suplemento Norte de Minas

Norte também sabe fazer folia

HINO DE JANAÚBA (Composição: Izadina Ladeia)

Teu áureo sol resplandecente no horizonte,
Que beija a ti e teus recôncavos distantes.
Tal como um pálio se estende plenamente,
Quer retratar a suavidade dos teus montes.
Teu vento sopra balançando os arvoredos,
Flores se agitam, dobram galhos e forragens...
O clima cáldo aquecendo os teus ares,
Inspira o artista a pincelar tua paisagem.

Terra bendita, és mãe amada !

Em ti descansa minh'alma, meu coração,

Ó Janaúba, bela pluméria,

Eu ti enalteço neste hino de emoção.

O Gorutuba sinuoso na planície,
A restaurar o solo seco e arenoso,
Formando um lago espelhado e cristalino,
Reflete belo o teu luar mui majestoso !
Gorutubano, és modesto e destemido...
Mestiço ingênuo, és o símbolo primeiro,
De trajas simples e de mântica singela,
Plasmando o barro, fazes arte de oleiro.

Terra bendita, és mãe amada !

Em ti descansa minh'alma, meu coração,

Ó Janaúba, bela pluméria,

Eu ti enalteço neste hino de emoção.

De Gameleira a Janaúba, uma história,
Rica em folclore curioso e inocente,
Dança da Roxa, cantilenas e credinças,
São alegrias, orgulhando a tua gente !
Moça faceira, que "usa laço e veste chita",
No estandarte do Brasil, uma centelha !
Minas Gerais te acolhe forte no seu âmago...
És, no cenário do país brilhante estrela.

Terra bendita, és mãe amada !

Em ti descansa minh'alma, meu coração,

Ó Janaúba, bela pluméria,

Eu ti enalteço neste hino de emoção.

Foi nos primórdios dos teus dias, Janaúba,
Que aqui chegaram os "Barbosas", lavradores.
E como a plêiade dos vultos baluartes,
Deixaram o exemplo aos novos semeadores.
Foste gerada do amor do Pai Celeste,
Que ti conduz e faz de ti grande celeiro.
Seja sublime o teu povir, Torrão Fecundo,
Farol, que brilha no rincão norte-mineiro.

Terra bendita, és mãe amada !

Em ti descansa minh'alma, meu coração,

Ó Janaúba, bela pluméria,

Eu ti enalteço neste hino de emoção



Bandeira de Janaúba - MG



Compositora Izadina Ladeia

REFERÊNCIAS

HERMANO, V. M. Desenvolvimento urbano-rural da rede de Janaúba e Nova Porteirinha. 2006. (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Social) – Universidade Estadual de Montes Claros - UNIMONTES, Montes Claros, 2006.

LEITE, Marcos Esdras; Dias, Lucimar Sales; Rocha, André Medeiros. «Análise da ocupação no entorno da Barragem Bico da Pedra, no Município de Janaúba/MG». *Caderno de Geografia*. **25** (44): 221-236. ISSN 2318-2962. doi:10.5752/p.2318-2962.2015v25n.44p.221.

ALMEIDA, Maria Natividade Maia e. **A instalação da Ferrovia Central do Brasil no Norte de Minas: Modificações espacial e populacional no Século XXI**. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB. 2011/2012.

_____. **Jornal Correio da Manhã (RJ) - 1920 a 1929**. Edição 10560. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_03&pagfis=40506&url=http://memoria.bn.br/docreader#

_____. **G1 Notícias – Tragédia em creche no Norte de Minas**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/> - Acessado em 11 de agosto de 2020.

FILHO, Aderval Costa. **Os Gurutubanos: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro**. (Tese de Pós-Graduação em Antropologia Social para obtenção do título de Doutor) – Universidade de Brasília. 2008

OLIVEIRA, João Domingos Soares de. **Janaúba e adjacente: história, comentários, poesias e contos**. AGbook. Edição: 3ª. Ano: 2018

_____. **PLANO MUNICIPAL DECENAL DE EDUCAÇÃO 2006-2015. Prefeitura de Janaúba** . Disponível em: <https://janauba.mg.gov.br/legislacao/leis/2006-1674.pdf> . Acessado em 11 de agosto de 2020.

_____. **De Gameleira à Janaúba: 50 anos de história**. Estagiárias de História e Geografia da PUC – MG (Trabalho de História e Geografia) – PUC – Minas Gerais. 1998

_____. **Jornal Estado de Minas: Diante da falta de trabalho no Norte de MG, lavadeiras garantem a sobrevivência das famílias**. 2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/06/22/internas_economia,410691/diante-da-falta-de-trabalho-no-norte-de-mg-lavadeiras-garantem-a-sobrevivencia-das-familias.shtml . Acessado em: 10 de Agosto de 2020.

DIAS, João Carlos Pinto. **Prospecção da doença de Chagas na região de Janaúba, Minas Gerais.** *Mem. Inst. Oswaldo Cruz* [online]. 1976, vol.74, n.3-4, pp.255-267. ISSN 1678-8060. <https://doi.org/10.1590/S0074-02761976000300005>. Acessado em 21 de Agosto de 2020.

_____ Gazeta de Paraopeba. **31 de janeiro de 1954.** Ano 43, Edição 2.335. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/830232/per830232_1954_02335.pdf. Acessado em 15 de Agosto de 2020.

Fotos disponíveis na Internet utilizadas neste trabalho:

jornalista Oliveira Júnior: disponível em <https://www.oliveirajuniorjornalista.com/>

Só gorutubanos: disponível em <https://www.facebook.com/groups/369835383486111/>

Blog Onde o vento me leva: disponível em <http://ondeoventomeleva.blogspot.com/2009/06/janauba-mg.html>